

8

80.00

EDIÇÃO
DOS PADRÕES DA GRANDE GUERRA

BIBLIOGRAFIA DA GRANDE GUERRA

(RESENHA DAS PUBLICAÇÕES PORTUGUESAS)

pelo

Coronel Vitoriano José Cesar

Antigo professor da Escola Militar e colaborador da Revista Militar

Prefacio

do

Vice Almirante Vicente Almeida d'Eça

Socio da Academia de Sciencias de Lisboa e lente da Escola Naval

O produto reverte para a SUBS-
CRIÇÃO NACIONAL DOS PADROES,
Consignação do Esforço da Nação
Portuguesa e Glorificação dos nossos
Mortos na Grande Guerra.

1922

ALFONSO GARCIA

1871

ALFONSO GARCIA

ALFONSO GARCIA

7000

BIBLIOGRAFIA
DA
GRANDE GUERRA

94(100)"1914/18"

CES

EDIÇÃO
DOS PADRÕES DA GRANDE GUERRA

BIBLIOGRAFIA DA GRANDE GUERRA

(RESENHA DAS PUBLICAÇÕES PORTUGUESAS)

pele

Coronel Vitoriano José Cesar

Antigo professor da Escola Militar e colaborador da Revista Militar

Prefacio

do

Vice Almirante Vicente Almeida d'Eça

Socio da Academia de Ciencias de Lisboa e lente da Escola Naval

138019

16694

O produto reverte para a SUBS-
CRICÃO NACIONAL DOS PADRÕES,
Consagração do Esforço da Nação
Portuguesa e Glorificação dos nossos
Mortos na Grande Guerra.

Maio — 1922



94 (100) "1314/18" (01)

BIBLIOTECA D. J. C. FERREIRA
OPERA 31 JAN 2001

EDIÇÃO
DOS PADRÕES DA GRANDE GUERRA

BIBLIOGRAFIA DA GRANDE GUERRA

(RESENHA DAS PUBLICAÇÕES PORTUGUESAS)

por

Coronel Vitoriano José Cesar

Antigo professor da Escola Militar e colaborador da Revista Militar

187014

Protacio

18894

de

Vice Almirante Vicente Almeida d'Éça

Socio da Academia de Sciencias de Lisboa e tenente da Escola Naval



O presente livro pertence ao
CRICAO NACIONAL DOS PADRÕES
Comunidade do Estado de Lisboa
Fundação e Organização dos nossos
Padrões da Grande Guerra.

Maior - 1922

24 (100) 19/18
853 (00) 18/18
24 (100) 18/18

Sentem os homens, nas horas amargas dos grandes sofrimentos como nos minutos fugazes das grandes alegrias, necessidade de se expandir, de comunicar aos outros os movimentos que lhes agitam a alma, de os fazer participar, por assim dizer, das suas dôres ou dos seus contentamentos. E' condição esta geral e comum a toda a humanidade; por isso os homens são naturalmente sociáveis; em especial, os latinos, mais abertos a todos os sentimentos, mais sensíveis ás alterações da vida normal, mais poetas, digamolo, assim mais propensos são a essas exteriorisações. Uma dôr partilhada conforta o nosso fazar; uma satisfação que outros conhecem, aumenta de valor, até porque, imperfeitos somos, nos coloca em situação de destaque perante esses que porventura nos invejam. De tudo isto resulta que, chegada a ocasião, todos são escritores, no sentido literal da palavra. Raros serão os deserdados que não saibam ou não queiram pôr no papel a expressão dos sentimentos que os agitam; esses raros ou são de natureza tão fruste que mal se distinguem das alimarias, ou sentem com tanta intensidade, principalmente as dôres, que no mitismo em que se encerram, mais requintam propositadamente o sofrimento; uns e outros dignos de lastima porque são anormais.

Mas se, de repente, convulsão violenta abala um povo; se os habitos da vida de cada dia são abruptamente alterados; se uma parte avultada da população é arremessada para longe dos lares; então d'esses abalos e d'essas violências sai uma torrente de livros, panfletos, memorias, cartas missivas, relatorios e narrativas officiais, tantos elementos de informação, uns sobrenadando desde logo no

caudal da publicidade, outros que profundam de principio na confidencia dos archivos publicos ou nos escaninhos reservados dos particulares, para só mais tarde saírem, quando saem, á luz do dia. Assim foi entre nós, no começo do seculo passado, a proposito das Invasões; assim foi mais tarde no longo periodo de luctas internas, desde 1820 até 1852. Quantos impressos, quantos manuscritos a respeito d'essas epocas!

Pois bem. A nossa terra passou nos ultimos anos por mais uma d'essas tremendas convulsões, não sómente a nossa terra, mas o mundo inteiro. De repente, ou quasi, dezenas de milhares de portugueses saíram das suas provincias, uns para as tristes e humidas planicies da Flandres, outros para os matos e areas ardentes do Rouma; de repente muitos milhares de portugueses de todas as classes foram lançados a partilhar dos perigos immediatos, bem patentes, da Grande Guerra, e partilhar tambem das suas glórias, que eram certas, e dos seus triunfos que eram apenas possivéis. E assim abalaram, para França, para Africa, esses homens que na proporção dos espantosos contingentes das grandes potencias eram um punhado, mas na comparação da totalidade dos habitantes de Portugal eram quantidade muito apreciavel; num dado momento mais de sessenta mil portugueses estiveram nas operações. Tirante uma centena, se tanto, de veteranos das campanhas d'Africa, tirante uma ou duas centenas mais de profissionais que por dever de officio se applicavam desde anos ao estudo da Arte da Guerra, os restantes iam pela primeira vez entrar em campanha. Pode, pois, entender-se que a enorme comoção

dos primeiros dias, as comoções sucessivas do desenrolar das operações, a vida nova, intensa, que esses milhares de homens passaram a viver, haviam de, fatalmente, produzir a necessidade irreprimivel de comunicar, de contar, de desabafar, necessidade tanto mais difficil de refrear, quanto, durante a campanha, a censura mais se opunha a essas expansões.

Assim foi. Estou em crer que todos quantos podiam escrever, escreveram, uns, livros, outros, relatorios, outros, singelas cartas. Agora mesmo reii os paginas escritas aa campanha por alguém que muito de perto me toca. Pessoa sem cuidados, tendo na vida a noção mais comoda para lhe não sentir as difficuldades, adaptando-se faciimente a todas as situações, ou do acantonamento num magnifico chateau abandonado, ou das noites passadas sobre as palhas encharcadas das trincheiras, sem preoccupações de estilo e sem reservas de apreciação, escrevia o que via e sentia; e d'essa escrita singela ressaltava nitidamente a dureza da vida, o trovoar constante dos bombardeamentos, o bezoar terrifico dos aviões, os funis que os enormes projecteis abriam engulindo companhias inteiras, o pavor dos S. O. S., o colear traiçoeiro dos gazes asfixiantes, as furias das vagas de assalto, e por cima, por baixo e a par de tudo a humidade dos drenos, a eterna humidade, tão custosa de suportar aos filhos da terra do Sol, custosa mesmo para os Franceses, como atesta a obra de Barbusse, um aerrotista por ventura, mas um escritor de raça sem duvida.

Escreveu-se muito, em toda a parte, durante a guerra e depois; ainda se continuará a escrever. Do que na lingua

portuguêsa e escrito por portugueses tem sido publicado, é lucida ementa o trabalho a que estas linhas servem de prefácio, trabalho esse confiado a um dos nossos mais ilustres escritores da Historia Militar, official de apurada cultura, como o tem mostrado em numerosas obras, professor emérito, sabendo estimar os livros, o que não é uma arte fácil, e sabendo critical-os com hombridade, como adiante se verá.

Não pode fazer-se classificação rigorosa das diversas especies mencionadas na enumeração, principalmente porque muitas delas participam de mais de uma classe. Ha de tudo: trabalhos essencialmente tecnicos, relações ponderadas quasi officiais, narrativas ligeiras, contos impressionistas, um que outro panfleto ou passagens de mal-dizer, como a certas poesias chamam os Cancioneiros, reproduções de correspondencias para jornais, graves dissertações filosoficas ou juridicas sobre a Guerra e as suas consequencias. Ha livros muito bem feitos, outros que o não são tanto. Mas em toda essa literatura se mostra e porventura predomina aquella necessidade imperativa de escrever o que se sentia. E predomina tambem outra feição: a estima, direi mesmo o respeito pelo soldado português, pelos serranos e pelos marujos que foram até onde os mandaram e que não deslustraram as tradições da raça. Recordo da leitura enternecida que fiz dalguns desses trabalhos a seguinte passagem. O official percorre a trincheira; verifica estarem todos os soldados nos seus postos, encostados ao parapeito, de arma estendida em direcção á terra de ninguem, com os olhos esgazeados procurando penetrar a treva caliginosa, empapada na eterna humidade. Estão todos; o official cha-

ma-os baixinho pelos numeros; respondem. Chegado ao 42, este lá está de olhos abertos, com a espingarda bem segura; não responde, porém, á chamada. 42! 42! O oficial sa-code-o: 42! Estava inteiriçado; tinha morrido de frio. Isto é simplesmente sublime. Cito de memoria; o autor é dos meus intimos; reservo o nome.

Ainda uma observação. A vida militar, toda de contrastes, brilho de uniformes, modestia dos haveres, socego das guarnições, fragor dos combates, produz nos homens que a professam um vinco especial, que já o velho Plauto caracterisára no seu Miles Gloriosus e que lá em França se sintetisa nesta frase: le Français aime le panache. Pois bem: a Grande Guerra suprimiu o brilho dos uniformes, e os seus trabalhos foram tão intensos, tão duros, que le panache quasi desapareceu da literatura militar estrangeira, e dele mal se encontram vestigios nos nossos livros. Ainda bem.

Mas, afora a realisação da necessidade irresistivel, a que de principio me referi, de que tem servido toda essa literatura? De bem pouco, quando para muito podia servir. As edições foram em geral de limitado numero de exemplares e estes por preços pouco acessiveis á bolsa dos soldados e da classe popular. Esgotaram-se quasi todas, é certo; mas ficaram principalmente nas coleções dos amadores de bons livros, não entraram no uso comum e correm o risco de ser esquecidas. O fim principal desta publicação é recordar os titulos dos livros, os nomes dos seus autores. Não basta, porém. É necessario que se faça uma escolha dos melhores desses livros e deles se publiquem edições baratas, ao al-

cance de todos, que possam ser distribuídas como prémios nas escolas, nos quartéis, de modo que se perpetue e divulgue o que foi o esforço português na Grande Guerra; esse conhecimento servirá para levantar os corações da apagada tristeza da hora actual, o que é absolutamente indispensável, se queremos viver. Aqui fica a ideia; dê-lhe execução quem possa.

Receio ter abusado da paciência dos que porventura me lerem; é sempre a mesma causa e o mesmo efeito: sentir, expandir. E contudo ainda desejo falar do livro que não se publicou.

Numa tarde da primavera de 1917 seguia eu com as senhoras da minha família a visitar um camarada e amigo íntimo que tinha, como eu, dois filhos na guerra, um que já fôra torpedeado, outro que havia de ser prisioneiro em La Lys. Pela rua falavamos naturalmente da guerra; de que se falava então? Observei que um soldado, com o uniforme de expedicionário de Africa, nos seguia de perto, parecendo querer ouvir o que se dizia, quasi intrometer-se na conversa. Perguntei-lhe se desejava alguma coisa. Respondeu-me: "É que eu embarco amanhã para Lourenço Marques; todos tem madrinhas de guerra... só eu não pude arranjar". E quasi soluçava. Minha mulher ofereceu-se para madrinha; ali mesmo tomei as necessarias notas. Era casado; tinha dois filhinhos; que lhe amparassem a família, se viesse a morrer, era o que ele mais pedia.

Embarcou. Vieram cartas, bem escritas, sem um lamento. Vi outras cartas de afillhados de guerra, de diversos generos, predominando em todas a conformidade, a convicção

BIBLIOGRAFIA DA GRANDE GUERRA

(RESENHA DAS PUBLICAÇÕES PORTUGUESAS)

ALMEIDA (Dr. Antonio José de). — *Em honra dos soldados cumprimento do dever. As senhoras da nossa sociedade que principalmente tomaram a seu cargo este serviço, pussem certamente muitas dessas cartas. Pois bem: o livro que não consta da presente Bibliografia, porque não se publicou, mas que devia publicar-se, seria uma coleção de cartas escolhidas, cem, duzentas, todas bem autenticadas, de afilhados de guerra ás suas madrinhas, cartas de todos os estilos, escritas por soldados de todas as provincias, cartas singelas, sinceras, verdadeiras, que fariam conhecer, na sua sinceridade, a alma do soldado português. Este livro da Grande Guerra está escrito; só falta publical-o.*

por S. Ex.^a o Presidente da Republica; e 1,000 exemplares em papel de linho.

Vicente Almeida d'Esca

ALMEIDA (Humberto de). — *Memórias de um expedicionário a Fr. Vice-almirante (1917-1918). Porto 1919. Vol. de 184 pag.^s in-16.*

O autor «recorda alguns dos epicos arrancos da alma portuguesa, que são gritos da Patria, fulgurações rutilantes do passado, alma portuguesa que desperta em que os pequenos e obscuros põem em evidencia, que é infinda a energia deste povo imortal!» O livro é dedicado ao, que é hoje, general José Domingues Pérez, e comprehende 46 pequenos capitulos. Nalguns destes capitulos descrevem-se lances amorosos, mas como há historia de todas as guerras ha destes capitulos, mais uma vez se poderá dizer: — *C'est la guerre.* Descrevendo a batalha de 9

BIBLIOGRAFIA DA GRANDE GUERRA

(RESENHA DAS PUBLICAÇÕES PORTUGUESAS)

ALMEIDA (Dr. Antonio José de). — **Em honra dos soldados desconhecidos.** *Discursos proferidos pelo Presidente da Republica Portuguesa na sala e no atrio do Palacio do Congresso, em 7 de abril de 1921.* *Imprensa Nacional. Um folheto de 27 paginas (0^m,28X0^m,20).*

Foram tirados 6 exemplares em papel Whatman: um para o Chefe do Estado, um para o Senado, um para a Camara dos Deputados, um para o Ministerio da Guerra, um para o Ministerio da Marinha, e um para a Biblioteca Nacional de Lisboa;

100 exemplares em papel *couché* e chancelados por S. Ex.^a o Presidente da Republica; e 1.000 exemplares em papel de linho.

ALMEIDA (Humberto de). — **Memorias de um expedicionario a França** (*2.^a brigada de infantaria 1917-1918*). *Porto 1919. Vol. de 184 pag.^s in-16.*

O autor "recorda alguns dos epicos arrancos da alma portuguesa, que são gritos da Patria, fulgurações rutilantes do passado, alma portuguesa que desperta em que os pequenos e obscuros põem em evidencia, que é infinda a energia deste povo imortal!" O livro é dedicado ao, que é hoje, general, José Domingues Pérez, e compreende 46 pequenos capitulos. Nalguns destes capitulos descrevem-se lances amorosos, mas como na historia de todas as guerras ha destes capitulos, mais uma vez se poderá dizer — *C'est la guerre*. Descrevendo a batalha de 9

de abril de 1918, diz que os alemães atacaram o sub-sector de *Neuve-Chapelle* ás 3 h. 30 m., e que a 1.^a linha ficou perdida ás 7 h., empregando os alemães no ataque 10 divisões.

Narra a defesa brilhante de *Lacouture*. É, pois, um livro que deve fazer parte duma biblioteca da Grande Guerra.

ALMEIDA (Mario de). — **O clarão da epopeia. Impressões da guerra.** Lisboa, 1919. *Portugalia Editora, rua Nova do Carmo, 75. Vol. de 249 paginas com ilustrações.*

Este livro constitue a reunião em volume de artigos enviados pelo autor para o jornal de Lisboa — "*A Capital*", e é dedicado ao jornalista Manuel Guimarães.

ALPEDRINHA (Antero Moreira da Rosa). — **Conferencia feita aos officiais e praças do Regimento de infantaria n.º 3, comemorando o 1.º aniversario da batalha de "La Lys" a 9 de abril de 1918.**

Viana, 1919. Tipografia de Eduardo Rodrigues. Folheto de 9 paginas com 1 carta.

O autor, fazendo parte da 4.^a brigada (brigada do do Minho) poudo, com todo o conhecimento de causa, descrever o que se passou dias antes do dia 9 de abril e depois neste memoravel dia.

Primeiramente descreve a situação e dispositivo da 4.^a brigada antes do dia 9; em seguida, trata do combate do dia 9.

Da sua narração se vê, que as companhias do batalhão de infantaria 3, quando foram enviadas como reforço do batalhão do regimento 29, perderam durante o avanço 20% do seu efectivo.

Ainda que seja uma exposição resumida dos factos, contém informações muito interessantes.

ANJOS (José dos), capitão de engenharia. — **O monumento de Mocimboa da Praia levantado aos mortos da campanha de Moçambique.**

Discurso proferido em abril de 1919 na ocasião em que foi inaugurado o obelisco em Mocimboa da Praia, levantado no alto de uma colina, a pouca distancia do local onde foram enterrados algumas centenas de mortos da expedição a Moçambique.

Além do discurso proferido enaltecendo os que morreram pela Patria, vem como anexo a descrição do monumento e indicação das principais campanhas, cujos nomes estão gravados nas quatro faces da piramide, que faz parte do monumento.

AZEVEDO (Antonio de). — **Elementos para a bibliografia medica da Grande Guerra.** *Separata da "Meaicina Contemporanea". Lisboa, 1920. Tipografia de Adolfo Mendonça, Limitada. Folheto de 15 paginas.*

Este folheto contem indicação de algumas especies bibliograficas relativas aos serviços medicos e cirurgicos da grande guerra, ou que com eles têm relação, e que são constituídas, ou por *artigos* devidos a distintos medicos portugueses, que os publicaram em diversas revistas, ou por *téses* defendidas nas Faculdades de medicina de Lisboa e Porto; ou em *conferencias*, ou ainda em varios opusculos.

BEÇA (General Adriano) — **Lições da Grande Guerra.** *Lisboa, 1922. Tipografia da Empresa do "Diario de Noticias". Vol. de 288 paginas (0^m, 23X0^m, 16).*

Esta obra é a reunião de uma serie de artigos publicados na *Revista Militar*.

O general Adriano Beça é já muito conhecido pelas suas numerosas publicações, tendo-se consagrado em toda a sua carreira militar ao estudo de assuntos profissionais.

Não admira, pois, que o presente livro seja escrito com toda a proficiencia.

Este livro, que o autor dedica aos generais F. Tamagnini de Abreu e Silva e Tomás Garcia Rosado, compreende 10 capitulos, onde largamente são tratados todos os assuntos mais palpitantes da grande guerra. Passa em revista todos os meios de acção

empregados no decorrer da grande guerra e estuda as características e emprego das diversas armas e serviços nesta guerra. Nos capitulos em que trata dos aeroplanos, autos e carros de assalto (meios de acção modernos) dá grande desenvolvimento a estes novos factores da guerra, apresentando exemplos das importantes applicações que foram dadas aos autos no decurso da guerra. Quando estuda a *batalha*, dá um grande desenvolvimento a esta parte, apreciando as suas diversas modalidades e fases.

E' portanto um livro digno de ser consultado, recomendando-se pelo metodo de exposição e clareza com que são estudados os diversos assuntos.

BEÇA (Ten. Coronel Desiderio). — **A festa da árvore e o Exército Português.** *Conferencia realisada na sessão solene de 27 de fevereiro de 1916. Opusculo de 10 paginas (0^m,225X0^m,155).*

Nesta conferencia o autor manifesta os seus sentimentos patrioticos.

BEÇA (Humberto). — **Sob a metralha. Episodios da Grande Guerra.** *Famalicão, 1919. Vol. in-8 de 191 paginas.*

Este livro é dedicado aos seus illustres camaradas da Administração militar. Contem descrições e episodios dos diferentes teatros da guerra, extraídos de livros e revistas estrangeiras e portuguezas e sobre os quais compõe diversos pequenos quadros, mais ou menos romanticados. E' um livro que se lê com prazer.

BRANCO (O livro). — **Portugal no conflito europeu.** *1.^a Parte : Negociações até à declaração de guerra. Documentos apresentados ao Congresso da Republica pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros. Lisboa, 1920. Imprensa Nacional. 1 vol. de 255 paginas (0^m,26X0^m,18).*

Contem este livro 354 documentos de character diplomatico de uma alta importancia para o estudo

da nossa intervenção na guerra, e que tem necessariamente de ser consultado por quem tenha de se ocupar de tal assunto.

BRUN (André), major comandante do batalhão de infantaria n.º 23. — **A malta das Trincheiras. Migalhas da Grande Guerra.** Lisboa, 1918. Editor *Guimarães & Companhia*. Volume de 236 paginas (0^m, 195 X 0^m, 12).

O comandante do batalhão, que guarnecia o sub-sector esquerdo de *Ferme-du-Bois*, escreveu este livro sob dolorosas e tristes impressões, e por isso deixa também mal impressionado quem o lê. Assim ele diz: "As mais belas cousas que se fizeram no C. E. P. cabem numa folha de papel almaço".

O autor espera que ainda se escreva um livro sobre o que foi o C. E. P. para que não entrem as portas da Historia "certos que querem entrar vestidos de audacia, mas descalços de escrupulos" porque "os mortos que descansam na Flandes dir-lhe-ão: Aqui não entras!"

O livro tem 32 saborosos capitulos, um apendice e três Notas ilucidativas. Escrito em português de lei, deixa a cada passo transparecer os sentimentos de um português de rija tempera, amigo da verdade e odiando a lisonja.

Pelo que se lê, depreende-se que o autor muito teria ainda a dizer. Esperaremos que um dia traga mais elementos para a Historia.

BRUNO (J. Pereira de Sampaio). — **Portugal e a guerra das nações.** Porto, 1906. Vol. in-16, de 508 paginas.

Este livro, ainda que escrito antes da guerra, e até mesmo por isso, merece ser lido, pois trata de questões que em parte explicam e fundamentam a nossa interferencia na guerra ao lado da Inglaterra. Nele já se analisa a aliança franco-russa e as consequencias que dela derivariam. Uma conclusão tira, que falhou, e era que a aliança franco-russa, no caso de uma guerra com a Alemanha, levaria a Inglaterra

a pôr-se ao lado desta nação, porque os interesses da Rússia no Oriente eram antagonicos com os da Inglaterra.

E' porém um livro de substanciosas considerações filosoficas e que muito interessam áqueles que tenham de estudar a Grande Guerra sob este ponto de vista.

CAMPOS (Agostinho de). Este escritor tem diversas publicações relacionadas com a Grande Guerra:

a) — **A Europa em guerra. Comentario leve.** Lisboa, 1915. Vol. in-16, de 370 paginas.

Este livro contem uma serie de artigos publicados pelo autor nos jornais "*O Comercio do Porto*" e no "*Jornal do Comercio*" do Rio de Janeiro, mas dando-lhe uma forma mais acomodada ao fim que tinha em vista. E' um livro educativo, em que o autor com um fim altamente patriotico faz observações de filosofia ligeira, na apparencia, mas de grande peso e alcance para os que ponderadamente meditarem.

O capitulo "*Portugal na guerra*" é uma lição dada ao teutonico arrogante.

b) — **O homem, lobo do homem. Comentario leve da Grande Guerra.** Lisboa, 1921. Aillaud & Bertrand. Tipografia do "*Diario de Noticias*". Volume de 300 paginas (0^m,172X0^m,125).

c) — **Portugal em Campanha. Comentario leve da Grande Guerra.** Lisboa, 1921. Aillaud & Bertrand. Tipografia Guedes, Rua Formosa, Porto. Volume de 296 paginas (0^m,172X0^m,125).

CAMPOS (António Mário de Figueiredo), Tenente Coronel do Estado Maior, professor da Escola Militar. Este escritor já bem conhecido, tem diversas publicações relacionadas com a Grande Guerra:

a) — **Rapido bosquejo da Grande Guerra (1914-1918). Nos campos de batalha. Nas chan-**

celarias. O nosso papel. Lisboa, 1919. Tip.^a Universal. Opusculo de 31 pag.^s (0^m,245X0^m,164) com a capa ilustrada. Edição do autor.

b) — **Portugal na Quadrela Flamenga. Atravez de uma velha amizade: das Cruzadas á Grande Guerra.** Lisboa, 1920. Imprensa Nacional. Volume de 62 paginas (0^m,194X0^m,128) com capa ilustrada. Edição do autor. Este foi louvado por esta publicação em Portaria de 14 de dezembro de 1920. (O. E. n.º 21-2.^a Serie).

Este livro é mais uma contribuição para a historia da Grande Guerra e para a consagração daquelles que bem alto levantaram o nome de Portugal, vertendo o seu sangue na planicie da Flandres em cooperação com os nossos velhos aliados. Neste livro é passada em revista a historia guerreira da Flandres, sendo indicadas sumariamente uma serie de batalhas em que se degladiaram reis e senhores feudais. Essas terras da Flandres eram já conhecidas dos portuguezes doutros seculos, desde o seculo XIII, não só porque aí derramaram o seu sangue em varias batalhas, mas porque estreitas relações comerciais e intellectuais se trocaram entre portuguezes e flamengos. Durante o dominio de Castela varios generais portuguezes aí se ilustraram. Tudo isto o autor passa em revista no seu livrinho.

c) — **A lição dos mortos. Oração proferida na Escola Militar no dia 9 de março de 1921 em comemoração dos antigos alunos mortos pela Patria na Grande Guerra (1914-1915).**

Lisboa, 1921. Imprensa Nacional. Folheto de 12 paginas (0^m,226X0^m,145) com capa ilustrada. Edição do autor.

A oração proferida pelo illustre professor da Escola Militar foi revestida de um grande brilho, em que a palavra do fluente orador mais uma vez se manifestou, quanto é bela na forma e elevada no conceito.

d) — **Aos soldados desconhecidos.** — 9 de

abril de 1921. Lisboa, 1921. Tipografia da Escola Militar. Uma folha (0^m,24X0^m,160) com uma vinheta. Edição do autor.

e) — **Na Penumbra da Grande Guerra. O suplicio duma alma.** Lisboa, 1922. Imprensa Nacional. "Plaquette" de 9 paginas (0^m,255X0^m,150) com uma capa ilustrada. Edição do autor.

Em poucas palavras o autor estabelece a genealogia da ex-duquesa do Luxemburgo, a princesa Maria Adelaide de Bragança, e explica a razão porque se sentou no trono do ducado. Refere-se à versão romanesca, que se conta, a respeito da ponte, quando da invasão alemã, e ao seu protesto contra a violação do territorio, e por fim traz á tcla do debate a seguinte questão:

"A ex-duquesa, recolhendo-se ao convento carmelita de Módena em 18 de setembro de 1920, seria suggestionada pelo exemplo de sua avó materna, a viuva do rei D. Miguel de Bragança, que tambem se enclausurara em 1897 no convento de S.^{ta} Cecilia, em Ryde, ou este acto será consequencia do ambiente em que foi educada? Como vemos, é um pequenino, mas pungente drama, consequencia desta guerra que veiu abalar o mundo.

CANDIDO (Dr. Zeferino). — **O canhão vence . . . A verdade convence.** Lisboa, 1915. Volume de 177 paginas.

O autor no seu "Preambulo" emite a opinião que Portugal se deveria manter neutral perante o conflito que se travou na Europa, devendo nós ter seguido a habil diplomacia de Espanha e da Italia, que se conservaram neutrais (Então ainda a Italia não entrara na guerra).

O autor escreveu até uma carta a um dos ministros de então (Dr. Bernardino Machado), mostrando-lhe a inconveniencia da nossa entrada na guerra, por causa das nossas desgraçadas circunstancias financeiras.

O livro do autor, como ele o diz, constitue um

protesto individual contra a intervenção do país na guerra. No decurso do seu estudo faz considerações e expõe factos tendentes a mostrar a superior intellectualidade do imperador Guilherme e o adiantado gráu de civilização da Alemanha, e do seu sistema politico. Ha talvez exaggeração na apreciação dos factos, mas sinceridade de convicções.

CARDIA (Amelia). — **Episodios da Guerra.** Lisboa, 1919. Edição "Portugal-Brazil, Limitada". Um volume.

CARNAXIDE (Visconde de). — **Questões juridicas da guerra e da paz. Direito actual e sua transformação necessaria e esperada.** Lisboa, 1915. Parceria A. M. Pereira. Volume in-8 de 245 paginas.

Este livro é a reunião de artigos publicados em successivos numeros do "*Direito*", e foi o resultado de uma proposta apresentada em 1915 na Academia das Sciencias de Lisboa, para que esta estudasse as modificações que deveriam ser introduzidas no Direito das Gentes, em vista dos novos inventos que foram aparecendo no decurso da Grande Guerra, e que ao tempo tinha apenas alguns meses de duração.

Em treze capitulos se divide a obra do sr. visconde de Carnaxide, cujos predicados de eminente jurisconsulto são bem conhecidos, sendo certo que na sua longa carreira tem praticado e escrito sobre mais de um ramo de Direito.

Naqueles capitulos são versados os mais variados assuntos, todos, porém, ligados a este problema: Que modificações virá a introduzir no Direito a guerra, ou melhor a paz, depois da guerra, que então começára? Problema de importancia para a vida dos povos, e mórmente para a vida de relação entre eles, pois que dessas relações todos necessitam, e nenhum pode viver isolado.

Após mais de quatro anos de guerra, veiu a paz; celebraram-se tratados; e o problema, posto no co-

meço, não teve ainda solução completa, e muito menos, solução satisfactoria para todos, ou talvez mesmo para ninguém.

E' portanto do maior interesse ver neste livro como o seu autor encarava as diversas faces do problema, e quais as soluções que já então propunha na sua exposição inteiramente baseada e apoiada em vasta erudição.

CARQUEJA (Bento), professor da Universidade do Porto. — **O futuro de Portugal. Portugal após a guerra.** Porto, 1920. Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editora. Volume in-16 de 360 paginas.

E' dedicado á Memoria de Francisco de Sousa Carqueja.

O autor estuda os multiplos problemas do nosso país, sob os pontos de vista social, politico, economico, financeiro e colonial. A proficiencia do autor é sobeja garantia da maneira como foram tratadas estas questões, de que não nos podemos alhear. E' um livro digno de ser estudado e meditado.

CASIMIRO (Augusto). Este escritor tem diversas publicações relativas á Grande Guerra:

a) — **Nas trincheiras da Flandres.** Porto, 1917. Volume in-16 de 268 paginas.

Este livro contem um conjunto de impressões da guerra vivida nas trincheiras, impressões por vezes doloridas e como que abafando um grito de profunda revolta contra factos e espectaculos anti-patrioticos. Partidario da nossa cooperação na guerra ao lado da nossa aliada, considera que seria traição e morte a nossa neutralidade. Nas suas palavras, nos seus sentimentos, rebentam e desabrocham as fórmas atavicas de antigos portuguezes. Este livro é espelho onde se refletem imagens de variadas côres; mas que por fim se fundem numa unica, grande e luminosa -- a imagem da Patria!

«É a Patria desfaz-se nesse esterquilinio de lucta?»
E o livro diz: «A Patria não morre! Porque ha

portuguêses que morrem sem odios, como anjos que se desconhecem, erguendo indestructiveis padrões numa terra de assombros e de immortalidade!"

b) — **Sidonio Pais. Algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Grande Guerra.** Porto, 1919. Livraria Chardron de Lello & Irmão. Volume de 347 paginas (0^m,131X0^m,08).

E' uma colecção de artigos publicados em varios jornais.

c) — **Calvarios da Flandres.** Porto, 1920. Tipografia da "Renascença Portuguesa". Volume de 213 paginas (0^m,19X0^m,12) com uma illustração de Sousa Lopes.

E' este um livro mavioso, de descrições coloridas, em que se liga a historia do passado com a historia do presente. Nele se descreve com mão de mestre os infelizes acontecimentos de 9 de abril no ataque executado pelos alemães ao nosso sector.

O autor aponta causas, de ordem *material* e de ordem *moral*, da rutura da frente do nosso sector em 9 de abril. Como causas de ordem material: a deficiencia de efectivos (faltavam 29% nas tropas de infantaria e 13% nas de artilharia); a longa permanencia na frente, sem rendição (9 menses esteve a 4.^a brigada; 10 menses o 3.^o G. B. A.); o grande cansaço. De ordem moral: os comandos interinos, desde a menor á maior unidade; a depressão moral, resultante do proprio enfraquecimento fisico; as promessas de rendição não realisadas. Estas causas sintetizam-se no que se dizia por toda a parte: «Portugal, rapazes, declarou a guerra á Alemanha e mais ao C. E. P.» O ataque ao nosso sector era de prevêr, como o autor bem o frisa: Patrulhas alemãs effectuam varios e sucessivos reconhecimentos a partir dos meados de janeiro, procurando assim obter informações ácerca das nossas forças e do seu dispositivo; ataques a 17, 18 e 25 de janeiro sobre Chapigny, Neuve Chapelle e Ferme du Bois; em 6, 9, 11, 17, 24 e 27 de fevereiro; a 2 de março, grande *raid* sobre Chapigny em que nos fazem prisionei-

ros; de 10 a 11 atacam de novo a extrema direita do sector; em 12, atacam de madrugada o ponto de junção dos sectores de Chapigny e Fauquissart, etc.

Os nossos reconhecimentos e informações dos prisioneiros eram concordes que do lado dos alemães se preparava um ataque de grande envergadura. As ofensivas do Somme desviaram porém para ali as atenções do comando inglês e a nossa 2.^a divisão, que então guarnecia o sector, sob o comando do general Gomes da Costa, passára a ficar subordinada ao 11.^o corpo inglês, em virtude da Convenção de 21 de janeiro de 1918.

“Só a 8 de abril é que o nosso Alto comando pareceu acordar então.” A 5.^a brigada, que veio guarnecer o sector de Ferme du Bois, desconhecia esse sector. O batalhão do 13 vem no dia 6 de madrugada de Riez Bailleul para Lacouture e os seus officiaes reconhecem o sector em 7 e 8; no dia 8 ás 20 h. o Q. G. da brigada comunica aos batalhões que vão ser rendidos no dia 9 por tropas inglesas; todos sentem um alivio, considerando-se já livres de qualquer ataque. E por fim, na madrugada de 9 os alemães iniciam um violento ataque! Tudo se conjurára para nos colocar numa má situação moral. Fria impossivel uma resistencia mais prolongada, e contudo tropas houve que mostraram uma grande capacidade combativa.

Em Lacouture os ciclistas inglêses guarnecem o flanco esquerdo de um intrincheiramento; restos do batalhão do 13, vêm ocupar o centro; elementos do batalhão do 15, guarnecem a direita. As nossas tropas mostram aí uma bravura extraordinaria. As munições estão prestes a acabar-se, e são os inglêses que fornecem as munições. A's 10 h. e 30 m. do dia 10 rendem-se os inglêses que estavam juntos ao cemiterio; e ás 11 h. e 30 m. o major inglês com os dois majores portuguezes (do 13 e do 15) resolvem render-se! Que pungentes horas!

Calvarios da Flandres! Livro de prosa, emanando o perfume acre da poesia; porque nem toda a poesia marcha a compasso metrico.

CASTRO (Augusto de), da Academia de Sciencias de Lisboa.

— **Campo de ruínas. Impressões da guerra.**

Lisboa, 1918. Volume in-16 de 209 paginas.

Livro dedicado ao *amor* dum soldado português nas trincheiras da Flandres.

O autor descreve episodios das lutas titanicas sustentadas na frente do nosso C. E. P. O primeiro episodio é um *raid* alemão ás nossas trincheiras na madrugada de 14 de agosto de 1917, tendo o inimigo sido repellido e perseguido, e em que se manifestaram actos de bravura pelos alferes Monteiro Dias e Hermani Cidade (este miliciano). A sua visita ás trincheiras é descrita de uma maneira emocionante, e não menos comovedora é a narração da visita ás ambulancias, tendo assistido á operação da transfusão do sangue oferecido generosamente pelo alferes-médico miliciano Andrade e Silva para salvar um soldado ferido gravemente. Tem palavras enaltecedoras para o soldado português paciente sofredor das miserias das trincheiras. E quem não levanta instintivamente os olhos para o Infinito ao lér a miraculosa contumacia do relógio da catedral de Reims, resistindo a todas as furações das granadas inimigas e continuando a marcar as horas de angustia, como já marcára as dos grandes dias de gloria atravez dos seculos! No seu ultimo capitulo — O que é preciso dizer a Portugal — o autor frisa a importancia moral que para nós teve a cooperação na guerra. E assim conclue: "os soldados portugueses construíram com o seu sangue nas trincheiras da Europa e nos sertões de Africa uma obra de sacrificio, que nos honra e nos enaltece." E', pois, um livro que vibra do mais santo patriotismo.

CHAGAS (João). — **Portugal perante a guerra. Subsídios para uma pagina da historia nacional.**

Porto, 1915. Tipografia da Empresa Guedes. Folheto de 32 paginas.

CORTESÃO (Dr. Jaime), Capitão-medico miliciano. — **Memorias da Grande Guerra (1916-1919).** *Porto,*

1919. Volume de 242 paginas (0^m,81X0^m,135) com ilustrações de Sousa Lopes.

É um livro que só contém o que o autor viu ou ouviu, e os seus sofrimentos nesse grande drama da guerra não o deixam mentir. Temperado o seu carácter nas dôres cruciantes da guerra, vem contar o que sentiu na sua alma dolorida de grande patriota. Neste belo livro se encontra de tudo: «lagrimas, risos, miserias, dramas e epopeias.» *C'est la guerre.*

Até na preparação para a guerra, nós nos guerreamos. E porque não devia ser assim? A *politica* precede, acompanha e, segue a guerra. Foi obedecendo a este principio, por certo, que os nossos politicos acompanhavam a guerra com a sua politica.

O Dr. Jaime Cortesão trouxe da guerra tristes e desagradaveis impressões, que o seu livro bem nos dá a conhecer. Até dos seus colegas se queixa pela maneira pouco caridosa com que o trataram numa Ambulancia.

Este livro é um dos que deve ser lido com atenção.

COSTA (E. A. Ramos da), major de artilharia a pé. — **A Grande Guerra. Impressões de França (1917-1918). Notas de serviços tecnicos coligidas em 1917-1918.** Lisboa, 1919. Tipografia de La Bécarre, Rua Nova do Almada, 47-49. Volume in-8 de 206 paginas.

O autor, devido á autorização que obteve do Q. G. francês, pôde visitar poligonos, parques e fabricas metalurgicas e de explosivos existentes na zona de guerra. A mesma concessão obteve do Q. G. inglês para visitar fabricas que a Inglaterra estabelecêra em França, e as oficinas de aviação e de reparação de auto-viaturas. Assim nos diz o que viu da casa Schneider & Comp.^ª: os campos de tiro de Hoc e de Harfleur (ambos junto ao Sena), tendo este ultimo 16 quilometros de comprimento; as oficinas, de artilharia do Havre; as grandes oficinas do Creusot.

Entra em muitas particularidades relativas aos diversos estabelecimentos do Creusot e fabricos: cam-

pos de tiro de Villedieu; fabrica de acido picrico e de tutol, ou trinitrotoluéne. Os estilhaços produzidos pelo rebentamento dos projecteis carregados com tutol são, em geral, longitudinais e facetados, o que lhes dá maior poder ofensivo.

O autor entra em promenores sobre o fabrico do acido picrico e do tutol. No capitulo — *aeroplanos* — (francêses e inglêses) dá-nos um resumo da evolução porque tem passado a aviação em França e Inglaterra, descrevendo os principais tipos de aparelhos com as suas características.

Visitou alguns parques aeronauticos e oficinas de motores, tendo ocasião de vêr como se estava substituindo os motores de explosão pelos motores de ar, ou de acido carbonico liquido. Trata ainda dos diferentes tipos de tratores e conjuntamente da artilharia automovel; depois, dos vagões-plataformas e artilharia pesada. Porfim, dos carros de assalto e da artilharia de assalto. E' pois este um livro instrutivo, tratando dos varios meios de acção que utilisaram os aliados para obterem a vitoria.

COSTA LOBO (Dr. Francisco M. da). — **Le problème mondial et l'action du Portugal.** Coimbra, 1921. *Imprensa da Universidade. Volume de 352 paginas (0^m, 84X0^m, 134) com varias gravuras.*

COSTA (General Manoel de Oliveira Gomes da). — **O corpo de exercito portugês na Grande Guerra. A Batalha do Lys.** Porto, 1920. *Edição da "Renascença Portuguesa". Volume de 260 paginas (0^m, 19X0^m, 12).*

Compreende este livro 13 capitulos, numerosas gravuras e 4 cartas do sector portugês.

O papel primacial desempenhado pelo general Gomes da Costa na Flandres, o facto de ser já muito conhecido por saber manejar a pena com a mesma mestria com que sabe manejar a espada, são garantias de sobejo de que o livro "*A Batalha do Lys*", é um livro primorôso, que dispensa comentarios, falando eloquentemente só a enumeração dos capitulos.

No I capítulo — Causas da guerra — traça com mão de mestre quais tenham sido as determinantes da tremenda guerra — a ambição sem limites dos imperialistas alemães, e aponta á meditação dos portugueses os dois famosos tratados de 1898 e de 1913-1914, entre a Inglaterra e a Alemanha, relativamente ás nossas colonias.

No capítulo II expõe a organização do C. E. P., entrando em todos os pormenores.

No capítulo III faz um resumo muito elucidativo dos sucessos que tiveram lugar até 9 de abril de 1918, enumerando por ordem cronologica os diversos ataques effectuados pelos alemães, perdas que tivemos, e unidades a que estas dizem respeito.

No capítulo IV indica qual fosse o dispositivo da 2.^a divisão a partir de 3 de abril (a 1.^a retirára para descanso), tomando o general Gomes da Costa conta de todo o sector português a partir do dia 6, e ficando subordinado ao XI corpo britânico, ficando a frente portuguesa dividida em 3 sectores. Este capítulo é muito importante pelas elucidativas indicações, que contem. A 2.^a divisão dispunha então de 627 officiaes e 18.000 praças, faltando para o seu effectivo 400 officiaes e 7.000 praças, e só havendo umas 4.800 espingardas disponiveis, e como a frente passou a ser guarnecida por 12 batalhões em vez de 16, comprehende-se a pouca densidade e a fraca resistencia que podia oferecer. Estas considerações falam muito alto e explicam os desastrosos resultados do 9 de abril! Havia um batalhão que apenas tinha 8 officiaes!

No capítulo V descreve o estado moral e material da 2.^a divisão.

O capítulo VI contem a *ordem de batalha* do C. E. P.

No capítulo VII faz a descripção promenorizada do sector português occupado.

No capítulo VIII apresenta o plano de defesa e descreve a constituição das linhas, fazendo uma critica acerba aquelle plano.

No capítulo IX promenorisa a distribuição das forças, tal como era no dia 9 de abril.

No capítulo X descreve a vida nas trincheiras, e o mecanismo da ocupação e rendição; etc.

No capítulo XI faz a descrição da batalha de 9 de abril com muitos promenores.

No capítulo XII aponta as causas do esmagamento da 2.^a divisão em 9 de abril.

No capítulo XIII vem a *ordem de batalha* do C. E. P. em 9 de abril de 1918.

Por fim, segue-se uma serie de documentos interessantes e muito elucidativos.

Este livro, quando numa 2.^a edição sofra algumas correções e preencha certas lacunas, é por certo o mais completo publicado sobre a nossa cooperação na guerra.

DELDUQUE (Adelino), capitão de infantaria. — **Notas do cativo.** Lisboa, 1919. Volume de 102 paginas (0^m, 185X0^m, 115). Imprensa das Oficinas Gráficas do Exercito.

O autor circunscreve as suas informações sómente ao periodo que se seguiu á batalha de 9 de abril; isto é, desde que foi feito prisioneiro.

Narra porém circunstanciadamente o que se passou com os prisioneiros durante esse pungente periodo, indicando o itinerario seguido desde Salomé-La Bassée, a 2 quilometros de Illies, onde estava o Q. G. de uma divisão alemã. Naquele ponto foram reunidos 55 officiaes portugueses e tambem alguns officiaes ingleses. Dá informações interessantes, e que se não encontram noutros livros. Descreve a felonía dos alemães, tirando violentamente aos prisioneiros varios objectos, mesmo de uso comum e indispensaveis, alegando sempre, que eram *souvenirs*.

Este livro é singelo na forma, mas elevado nos seus conceitos, que falam mais alto que todos os rendilhados fantasistas. O que diz acerca do espirito de disciplina das tropas alemãs, era um facto já apontado pelos francêses antes da guerra, mas de que muitos duvidavam.

O autor, tendo feito parte do E. M. da 5.^a brigada, podia dar interessantes informações acerca das circunstancias em que se effectuou a sua prisão.

DIAS (Antonio). Deste escritor conhecemos as seguintes publicações relativas à Grande Guerra:

a) — **Honra e Gloria.** *Alocução proferida no juramento de bandeira dos recrutas de infantaria n.º 35 no dia 12 de dezembro de 1919.*

b) — **Nas garras da Kultur.** *Impressões de um prisioneiro de guerra na Alemanha. Ceia, 1920. Tipografia "Montes Herminios". Volume de 140 paginas (0^m,80X0^m,129).*

DIAS (Costa), professor da Escola Militar e capitão da Administração Militar. — **Flandres. Notas e Impressões.** *Lisboa, 1920. Imprensa Libanio da Silva. Volume de 280 paginas (0^m,20X0^m,12).*

É um livro interessante, em que o autor nos dá uma idéa geral das lutas travadas nas Flandres, nalgumas das quais tomaram parte soldados portugueses e capitães, que muito se ilustraram. O autor revela-se neste livro grande observador e exímio prosador, traçando com arte as suas impressões e as suas divagações historicas, focando os vultos portugueses, que foram D. Francisco Manuel de Mello e o conde de Assumar, D. Francisco de Mello. A batalha de La Lys é descrita de uma maneira clara e promenorizada, pondo bem em relevo a heroicidade dos nossos soldados de infantaria n.º 13, na defesa do reduto de *Lacouture*.

EÇA (General Pereira de). — **A campanha do Sul de Angola.** *Com um "Estudo politico" de João de Castro e uma "Carta" do General João Jalles. Lisboa, 1922. Tipografia "Lusitania". Volume in-8 de 114 paginas.*

Este livro constitue o *Relatorio* da Campanha ao Sul de Angola, de que o general Eça teve a direcção.

O estudo, que precede o Relatorio propriamente dito, é bastante desenvolvido (39 paginas) e lança muita luz sobre factos que precederam as operações

e que se lhes seguiram, reconhecendo-se mais uma vez quanto é nefasta a intromissão da politica, sem criterio, nas operações militares.

O General Pereira de Eça, que já tinha evidenciado as suas qualidades como colonial, durante o seu governo de Lourenço Marques, mostrou nesta campanha a sua integridade de caracter, a sua bela disciplina e a sua capacidade de organisador.

E' ainda o General Pereira de Eça, como ministro, que prepara as forças militares que deviam ir combater na Flandres.

O Relatorio do General Pereira de Eça devia ter sido precedido pelo do General Roçadas, comandante da expedição infeliz, pois ha referencias a este Relatorio no estudo de João de Castro; e esta omissão e os córtes feitos pela censura no Relatorio do General Eça, produzem suspeitas de que muito havia a dizer sobre essas duas expedições! O Relatorio Eça apresenta de uma maneira clara e precisa a situação na Africa ocidental, e mostra a energia e o esforço deste General para levar a bom termo as operações, apesar da falta de esclarecimentos, que deveriam ter sido fornecidos pelo Ministerio das Colonias e Ministerio dos Negocios Estrangeiros. A grande actividade organisadora e administrativa bem se manifesta nas medidas de preparação realisadas em Mossamedes.

A leitura deste Relatorio é instrutiva e merece toda a atenção dos que tenham de operar na nossa Africa Ocidental e a meditação dos que, como governo, tenham de orientar e intervir na administração colonial.

EÇA (Vicente Almeida de), vice-almirante e lente da Escola Naval. — **Os filhos da Escola Naval na Grande Guerra.** *Discurso proferido em 2 de outubro de 1919 por ocasião da inauguração da placa comemorativa em homenagem aos antigos alunos da Escola Naval mortos na guerra.* Lisboa, 1919. Tipografia de Izidro Lopes. Folheto in-8 de 19 paginas. Edição de 50 exemplares.

Fala um marinheiro, e a marinheiros dirigindo-se. Em linguagem castiça, expõe as verdadeiras causas da guerra movida pela Alemanha: país de intelectuais que de ha muito vinham pregando a guerra, como meio de dar ensejo ao povo alemão de cumprir uma grande missão: expandir a *Kultura* alemã, avassalar o mundo, estrangula-lo numa civilização de aço, de pólvora e de gases. Tudo força, tudo energia. Filosofia seca, árida, sem moral.

Enaltece Foch, o artista da Grande Guerra, o general que tão bem soube adaptar os principios napoleonicos aos novos meios de fazer a guerra. Nas palavras do conferente vibram esses sentimentos de angustia de quem teve entes queridos na guerra, mas ao mesmo tempo sente-se um ciciar jubiloso de quem poudé abraçar os que tanto o honraram, honrando a Patria!

Enaltece os serviços prestados pela nossa marinha, militar e mercante, arrostando em Africa com as intemperies do clima e com as balas do inimigo; aqui, nas aguas das nossas costas, expondo-se aos perigos das minas; mais alem, protegendo os transportes de tropas; e ainda, coroando esse sublime desprezo pela vida em prol da dos seus semelhantes, é com palavras sentidas que descreve aquele lance de marinheiro genuinamente português, de Carvalho de Araujo, comandante do caça-minas «Augusto de Castilho», emolando-se no altar das salinas ondas para salvar os passageiros do «S. Miguel»! Lidimos marinheiros, cantados por outro marinheiro da mesma estirpe!

Finalmente, ainda o ilustre catedratico glorifica com o mais elevado sentimento os nossos aviadores, que, correndo os maiores riscos, cumpriram a sua missão, e deram o seu tributo á Morte.

FERNANDES (José Paulo), major de artilharia. — **Notas que trouxemos de França.** "Separata" da "Revista de Artilharia". Lisboa, 1918. Tipografia La Becarre. Volume de 165 paginas (0^m,22X0^m,14).

Este livro é muito interessante, pois manifesta não só a competencia tecnica do autor, mas evidencia

tambem o grau de preparação dos oficiais de artilharia do nosso exercito no momento em que fomos para a guerra. Por este livro se vê as diferentes missões que foram confiadas em França ao «Corpo de Artilharia Pesada Português» (material A. L. G. P. de 32 cm.), assim como se descreve o material francês fornecido, o seu modo de funcionamento, e outras questões tecnicas.

Ainda este livro mostra, em parte, as fases por que passou a constituição do C. A. P. P.

FERRÃO (Dr. Antonio). — **As causas Ideais da Conflagração e a Função pedagogica das academias scientificas após a guerra.** *Discurso proferido na Academia de Sciencias de Portugal, seguido de muitas notas justificativas. Coimbra, 1918. Imprensa da Universidade. Folheto de 88 paginas (0^m,25X0^m16).*

O illustre academico passa em revista o que se tem apontado como causas politicas e economicas da Grande Guerra, que, para o autor, não são mais do que as caracteristicas do espirito colectivo alemão; a orientação da filosofia e da sciencia alemãs; a orientação errada da sua pedagogia, que em pouca conta tem a instrução moral. A guerra era para os alemães a arma do mais forte, manejada pelo *povo eleito*; e esse é o povo germanico.

O autor atribue ás academias, em parte, o desencadeamento da Grande Guerra, porque elas nos seus trabalhos historicos abandonaram o problema moral. A elas se deve o desenvolvimento do pan-germanismo; e, para justificação, o autor passa em revista as doutrinas de varios escritores alemães.

E assim prova que a Grande Guerra foi uma consequencia da sciencia e da pedagogia alemãs. E a tal ponto os educadores alemães levaram o povo, que este chegou a um verdadeiro estado de *paralysia moral*. A educação alemã creou, pois, a barbarie alemã.

Pelo rapido escôrço do livro, que acabamos de analisar, se pode concluir quão importante seja a sua leitura, e inui especialmente, as *Notas justificativas*.

FIGUEIREDO (Fidelino de). — **Portugal nas guerras europeias.** Lisboa, 1914. Volume in-8 de 84 paginas.

Tendo este livro sido publicado em fins de 1914, pouco trata da Grande Guerra, mas versa assuntos que não podem passar despercebidos aos que tenham de estudar esta guerra, pois occupa-se da interferencia de Portugal noutras guerras europeias anteriores, em que teve lugar a nossa cooperação com a Inglaterra contra os inimigos desta, e manifesta a necessidade que haveria em nos pôrmos decididamente ao lado da nossa aliada, cooperando com ela em harmonia com os interesses nacionais e condenando a politica por nós seguida em 1913, em que manifestamos tendencias favoraveis á politica alemã, o que felizmente não encontrou o apoio da opinião publica.

FRANCO (Chagas). — **As sacrificadas. Memorias de uma madrinha de guerra.** Lisboa, 1922. Editora Guimarães & C.^a. Imprensa de Manuel Lucas Torres. Volume de 255 paginas (0^m,134X0^m,082) com uma illustração na capa.

FREIRIA (Fernando), tenente coronel do Estado Maior. — **Os portuguezes na Flandres.** Lisboa, 1918. Tipografia da Cooperativa Militar. Volume de 303 paginas (0^m,23X0^m,17) com 1 carta e gravuras intercaladas no texto.

Neste livro o autor teve em vista fazer conhecer os assuntos mais interessantes, sob o ponto de vista tecnico, que observou no C. E. P. durante os 14 meses que neste Corpo permaneceu, dando grande desenvolvimento á parte que diz respeito á *guerra de trincheira*, e fazendo-a acompanhar de numerosas gravuras explicativas. Dá-nos tambem uma idéa sumaria da organização do C. E. P. e da frente britanica, assim como do sector portuguez. Expõe com grande desenvolvimento quais fossem os diversos serviços do C. E. P. Este livro justifica o alto conceito que já tinha o illustre professor da Escola Militar.

GONÇALVES (Henrique de Assis), alferes de infantaria.
— **Na Ceplandia. Retalhos da Grande Guerra.**
Porto, 1920. Escola Tipografica da Oficina de S. José. Volume de 430 paginas (0^m,19X0^m,12).

E' este um livro primoroso, onde o autor põe a sua alma de crente e patriota. Sente-se em cada pagina o ciciar de uma alma perfumada do mais intenso misticismo patrio. A traços largos, mas bem vincados, põe em evidencia o heroismo e o espirito de sacrificio do nosso soldado. O autor descreve-nos lances dos nossos homens, que salientam as ancestrais qualidades do povo português. Aponta-nos consoladores exemplos de valor e de abnegação numa guerra, em que os factores morais tantas vezes eram postos á prova! E' livro que se lê com o maximo interesse.

GONÇALVES (Horacio de Assis), alferes de infantaria n.º 12 — **A Infantaria na Flandres e na Historia.** *Guarda, 1920. Empresa "Veritas". Folheto de 46 paginas (0^m,20X0^m,12).*

O autor faz um rapido esboço historico da tactica da infantaria nos antigos países orientais, na Grecia, em Roma, na idade medieval e nos seculos subsequentes; e por fim, trata da Grande Guerra apresentando as caracteristicas desta guerra, ainda que sumariamente.

GRANJO (Dr. Antonio). — **A Grande Aventura. (Cenas da Guerra).** *Lisboa, 1919. Edição da Portugal-Brazil, L.^a. Vol. de 193 pag.^s (0^m,19X0^m,12).*

E' este um livro *sui generis*, contendo impressões da viagem desde Lisboa a Brest, e depois desde esta cidade até ás trincheiras. Seguem-se depois as impressões nas proprias trincheiras, em que o autor nos diz o que viu e sentiu. Essas impressões diversas, que diversos combatentes nos transmitem, como que se completam e permitem abraçar melhor o vasto e variado quadro da guerra. Encontra-se, porém, perfeita concordancia quando descrevem a facil

adaptação do soldado português á guerra cruenta de trincheiras.

Tem este livro capitulos primorosamente escritos, por quem tantas vezes, em defesa do Direito, ali, em Terras estranhas afrontou a morte, mal pensando que seria na Patria, que deveria cair varado, pelas balas homicidas de portuguezes!

Do ultimo capitulo deste livro recortamos: "Parece haver muitos portuguezes que trazem dentro de si os corações mortos. A nossa vida parece estar só nos nossos olhos para nos odiarmos, e nos nossos labios para nos caluniarmos. Aos homens que na Africa e na Flandres afrontaram a morte, compete saltar para o parapeito e gritar a esses corações: Mortos, a pé!" Pois agora ergue te da campa onde jazes e olha de frente os teus assassinos para lhes gritares: "Sois mais vilões que os alemães!"

GRAVE (João). Temos conhecimento das seguintes publicações relativas à Grande Guerra, devidas a este escritor:

a) — **O mutilado.** Porto, 1918-1919. Livraria Chardron. Volume de 379 paginas.

E' um romance inspirado na guerra.

b) — **Os sacrificados. Contos da guerra.** Porto. Edição da Livraria Chardron. Volume de 197 paginas (0^m,121X0^m,077) com um retrato do autor.

GUERRA JUNQUEIRO. — **Edith Cavell.** Lisboa, 1916. Imprensa Nacional. Folheto de 11 paginas, sendo o produto da venda destinado á enfermagem da "Cruzada das Mulheres Portuguezas".

GUERRA (A Grande). — **Serviço fotografico do C. E. P.** Fotografia Garcez.

Esta colecção de fotografias comprehende três grupos:

I — Os Portuguezes na frente de batalha, 24 fotografias;

II — Os Portuguezes em França, 23 fotografias;

III — Sector português. Zona devastada, 24 fotografias.

Esta colecção de 71 fotografias tem um grande valor historico e que todo o português deveria possuir.

GUERRA (Portugal na) — *Revista quinzenal ilustrada, dirigida por Augusto Pina.*

Forem publicados 2 numeros:

O n.º 1 — 1 de junho de 1917 — traz as gravuras do Presidente da Republica Portuguesa, Dr. Bernardino Machado, do Ministro da Guerra, Norton de Matos, general Tamagnini, e de outros officiais. Contem artigos de Mayer Garção, Capitão X, etc.

O n.º 2 — 15 de junho de 1917 — traz as gravuras de S. M. Jorge V, rei da Inglaterra e Irlanda e imperador das Indias, de Lloyd George, H. Lancelot Carnegie, de Henri Landau, de M. Teixeira Gomes e diversas fotografias do C. E. P. Contem artigos de Mayer Garção, Alfredo de Mesquita, J. Paulo Fernandes, etc.

HOMEM CRISTO. — **Portugal na guerra.** Aveiro, 1917. Edição da tipografia «Nacional». Folheto de 96 paginas, reunião de artigos publicados no semanario «O de Aveiro».

JACOME (Dr. Mario de Paiva), **A guerra actual e a evolução da sociedade. A transformação das ideas operada pelos factos.** Tema da Memoria lida na sessão solene do 80.º ano da Associação dos Advogados de Lisboa em 19 de dezembro de 1917. Lisboa, 1918. Livraria Ferin. Volume in.-8.º de 137 paginas.

Dedicado ao Dr. Joaquim Hilario Pereira Alves.

O autor procura determinar as causas da Grande Guerra e explicar esta desordem dos espiritos e dos sentimentos, que se manifesta nas sociedades, e

que o autor atribue ás democracias. A causa primaria da presente crise social e moral atribue-a à burguesia, pelas suas desenfreadas especulações

No capitulo I.^o, que tem por titulo — As lições da guerra e as tendencias esboçadas — o autor aprecia e analisa a nossa *legislação da guerra*, que classifica de caótica e inapplicavel. Procura determinar as causas deste desequilibrio economico e indica a maneira de o atenuar. “ Considera, pois, a guerra com as suas consequencias, sob o ponto de vista economico e social. ”

No capitulo II.^o — As lições da Historia e a evolução das idéas socialistas — o autor mostra como a grande guerra influuiu consideravelmente nas tendencias sociais, desenvolvendo o sindicalismo.

O capitulo III.^o tem por titulo — As bases do Socialismo do Estado e a sua critica social.

O capitulo IV.^o trata das Lições dos factos e a obra do futuro.

JORGE (Dr. Ricardo). — **A guerra e o pensamento medico.** *Discurso pronunciado na Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, a 5 de dezembro de 1914. Lisboa, 1914. Tip. Mendonça. Tiragem de 200 exemplares numerados.*

JUNIOR (José Ribeiro da Costa), cap. do S. A. M. — **Serviços Administrativos na campanha ao Sul de Angola em 1914-1915.** *Lisboa, 1919. Edição do “Boletim de Administração Militar”. Imp. Africana. Vol. in-8.^o de 224 paginas.*

E' este um livro que muito interessa, em geral, a todos os officiais, e em especial, aos que tenham de entrar em operações colonias. Ocupa-se o autor das espinhosas operações que se realisaram ao Sul de Angola, e que terminaram em 5 de setembro com a occupação do Cuanhama. Abrange, pois, os dois periodos de operações sob os comandos do coronel Roçadas e do general Pereira de Eça.

Contém não só a organização e composição das forças em operações, mas dá-nos informações importantes ácerca dos recursos da zona em que se

operou e da organização e funcionamento dos serviços administrativos. É um livro que muito honra o autor e que bem evidencia o labôr inteligente dos oficiais da administração militar no decurso dessas operações.

LEITÃO (Artur). — **A patria em Extase.** Lisboa, 1921. Editora Lumen. Folheto de 30 paginas com capa e ilustrações de Antonio Carneiro.

LEMOS (Dr. Tovar de), director do Instituto de Arroios para reeducação dos mutilados da Guerra. **A obra de reeducação dos mutilados da guerra. Sua integração na vida social.** Lisboa, 1919. Folheto de 32 paginas (0,^m20X0,^m12).

Este livrinho contém a *Conferencia* realizada pelo autor na "Sociedade de Geografia" em 18 de dezembro de 1919.

Consta de duas parte: numa, trata dos trabalhos realizados no Instituto de Arroios para reeducação a dos mutilados da guerra; na outra, occupa-se da necessidade de crear no nosso país estabelecimentos, onde fossem recolhidos os numerosos mutilados e estropeados, vitimas de accidentes de trabalho.

Na 1.^a parte do livro faz a historia da organização do Instituto e funções que competem a cada uma das 3 secções em que se divide, e das 3 subsecções em se divide a 3.^a secção. Ali se põe em evidencia o fim altruista e moral do Instituto.

LIMA (Jaime de Magalhães). — **A Guerra. Depoimentos de Herejes.** Coimbra, 1915. Editor, França Amado. Vol. in-8.^o de 172 paginas.

No seu "*Prologo*" o autor considera a guerra como uma escola de despotismo para vencedores e vencidos; uma suspensão absoluta de todas as liberdades e direitos individuais; a absorção de todas as forças e de todas as actividades sociais; uma violencia sem limites, envolvendo vidas e bens em uma temerosa vertigem do Estado.

"Contudo, a Grande Guerra determinou uma re-

novação da consciencia, uma filosofia, uma moral, um modo de ser economico, um renascimento intimo, que são de durar e crescer, invulneraveis ás artes dos imperadores e ao poder dos vendilhões, superiores ao seu dominio ». Procurando as causas da guerra, diz ainda o autor: "A guerra resultou de um conflito de raças, de uma diversidade e incompatibilidade de aspirações. . . ." Cita ainda o que dissera Mr. Asquith, primeiro ministro de Inglaterra: "Não é um conflito meramente material, é tambem um conflito espiritual. E' uma luta entre a materialista Alemanha e a espiritualista Inglaterra e França. "

E' este um livro filosofico, que se lê com prazer e contem lição de varia especie. O autor, espirito culto e de uma educação filosofica esmerada, esparge pelas paginas do seu belo livro muitos belos conceitos.

MACEDO (José de). — **O conflito internacional sob o ponto de vista português.** *Estudo politico e economico.* Porto, 1916. *Tip. da «Renascença Portuguesa».* Vol. de 435 pag.^s (0^m,162 X 0^m,108).

MACHADO (Francisco Soares de Lacerda), tenente coronel de infantaria n.^o 22. — **A Bandeira de Portugal.** Coimbra, 1919. *Imp. da Universidade.* Folheto de 20 paginas.

Este folheto contem uma brilhante alocução proferida pelo autor na parada do quartel de infantaria 22, comemorando o regresso da gloriosa bandeira do regimento do teatro da guerra, após a entrada da bandeira e do cortejo.

Evocando as grandesas passadas e os factos homericos em que os portuguezes se assinalaram, o orador em palavras quentes e alevantadas, agita essa bandeira gloriosa que, em nome da civilização, fizemos flutuar em mares nunca dantes navegados.

Alem da alocução proferida, o folheto contem a ordem regimental de 6 de junho de 1919 e algumas noticias publicadas nos jornais, descrevendo as fes-

tas que por essa ocasião se realizaram em Portalegre, assim como também uma relação dos oficiais e praças do regimento condecorados com a Cruz de Guerra na campanha de França, e que são em numero de 55.

MACHADO (Francisco). — **Os grandes empréstimos da guerra.** *Separata da "Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra". Lisboa, 1918. Tipografia Universal. Vol. in-8 de 68 paginas.*

O livro é dedicado ao Dr. Fernando Emydio da Silva, professor de Finanças.

A importancia deste opusculo fica consubstanciada de uma maneira bem frisante na enumeração das materias tratadas nos seus sete capitulos:

Os empréstimos de guerra e outras formas de obter dinheiro para o custeio do conflito, especialmente os impostos; momento em que devem ser lançados os empréstimos de guerra; o montante do empréstimo; o prazo do reembolso; a quem devem ser pedidos os empréstimos de guerra; vantagens a conceder aos prestamistas; modo de emissão; consequencias financeiras dos grandes empréstimos de guerra.

A estes capitulos segue-se ainda um *Apendice* com uma relação dos empréstimos das principais potencias envolvidas na Grande Guerra. Contem dados estatisticos de suma importancia, a consultar pelos que tenham de escrever a historia desta guerra.

MAGALHÃES (Luís de). — **Portugal e a Guerra.** *Porto, 1916. Folheto in-8 de 54 paginas.*

O autor estuda, nas três partes em que divide o seu opusculo, algumas das questões que se prendem com a situação de Portugal em face da luta gigantesca em que se estava dilacerando a Europa, e emite a opinião de que nos deviamos conservar numa prudente neutralidade, aproveitando as circunstancias favoraveis que se nos apresentavam: nem pedidos de cooperação por parte da Inglaterra, nem a minima demonstração de hostilidade por

parte da Alemanha. E humoriscamente o autor diz — “que desprezamos a *sorte grande* e fomos para a guerra, ou antes... rasgamos o bilhete premiado.”

O autor apresenta uma serie de argumentos para provar que houve erro da parte dos nossos politicos.

O autor, porém, não pondera que... a sorte grande representa um acto material, e a nossa participação na guerra tinha vistas mais alevantadas.

Contudo o proprio autor confessa que o pan-germanismo e o naturalismo scientifico, o rude culto da força, os processos de guerra, constituem uma afronta aos seus sentimentos, aspiração e idéas de justiça, de direito de humanidade.

No capitulo II. trata do *perigo ibérico*, sendo sua opinião que tal perigo não existe, não carecendo a Espanha do nosso territorio, nem politica, nem commercialmente.

No capitulo III. trata das *consequencias politicas da guerra*.

Em poucas paginas trata, como vemos, de assuntos muito complexos e interessantes.

MAGNO (David José Gonçalves) capitão de infantaria,
— **Livro da guerra de Portugal na Flandres,**
2 Volumes.

O autor, official que se tem notabilizado pelos seus serviços nas colonias, principalmente nos Dembos, mais uma vez manifestou as suas qualidades combativas e de acendrado patriotismo, na Grande Guerra, fazendo parte do batalhão de infantaria n.º 13.

E' pois com todo o conhecimento, porque foi actor, que o autor nos narra os factos mais culminantes do nosso C. E. P., descrevendo-nos de uma maneira clara e expressiva o que foi a batalha de 9 de abril, entrando em promenores sobre a acção do batalhão de infantaria n.º 13.

Se em todas as unidades fossem publicados livros com as informações, como neste se encontram, facil seria reconstruir a historia do C. E. P.

E', pois, este um livro de subida importancia, e o

seu autor prestou à historia e ás letras patrias um relevante serviço.

MALHEIRO (Alexandre), tenente coronel. Deste escritor conhecemos as seguintes publicações relativas à Grande Guerra :

a) — **Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg. Notas de um prisioneiro.** Porto, 1919. Volume in-16.^o de 392 paginas.

Compreende este livro duas partes : a 1.^a com 10 capitulos e a 2.^a com 8 capitulos.

Este livro trata não só da occupação da nossa 6.^a brigada no sector de *Neuve-Chapelle*, mas ainda do ataque de 9 de abril e da grande batalha de La Lys, seguindo-se a narração da enorme odisseia dos prisioneiros portuguezes na Alemanha, entre os quais figurava o autor. E' com a maior emoção que conta os sofrimentos crudelissimos, que aos prisioneiros foram inflingidos pelos barbaros teutoes.

Descreve com muita clareza a organisação do nosso sector, e as fases por que passou essa organisação. E' um livro com um character verdadeiramente profissional. Explica com toda a fraqueza quais foram as causas da fraqueza material e moral das nossas tropas. « Nem licenças, nem rendição. »

O autor, tendo sido nomeado em 2 de março de 1918 2.^o comandante da 6.^a brigada (do sector de *Neuve-Chapelle*), estava pois nas condições de bem conhecer os factos.

E' um livro admiravel, sobrio, mas claro, com um character puramente militar e sem descrições de lances de amôr.

b) — **O amôr na Base do C. E. P.** Porto, 1919. Tipografia da «*Renascença Portuguesa*». Volume de 158 paginas (0,^m185 X 0,^m12).

Peça em três actos, representada em 27 de outubro de 1918 pelos officiaes portuguezes, prisioneiros de guerra, no campo de Breesen in Mecklenburg, e

expressamente escrita pelo autor para este fim. E' dedicada a Cristiano de Carvalho.

E' um assunto de amôr, começado num hotel de Tréport, e, segundo parece, terminado em Paris-Plage, noutro hotel.

Fica-se com a impressão que assim é, conquanto se reconheça que há falta de mais um acto. Mas... *c'est la guerre.*

As principais personagens são um médico e uma atriz.

MAMEDE (Jorge Paes de Oliveira), tenente coronel de infantaria. — **Resumo da acção do batalhão de infantaria n.º 35 na Grande Guerra.** Folheto, escrito à maquina, com 9 paginas.

E' uma resenha do que fez em França o batalhão do regimento n.º 35, desde a sua entrada na zona de guerra a 26 de fevereiro de 1917, vindo indicadas por ordem cronologica todas as acções em que entrou o batalhão. Esta unidade foi louvada por varias vezes pela maneira como se portou em diversas situações da guerra. Sobremaneira se notabilizou contra um raid alemão, que teve lugar a 14 de agosto de 1917, e que foi executado por um official deste batalhão com dez praças, sendo este official promovido por este facto ao posto immediato.

Infelizmente o batalhão do 35 não se furtou ao contagio de revolta, que se manifestou nalguns batalhões do C. E. P. em 29 de setembro de 1918; mas ainda assim, mesmo nesta situação melindrosa, varios officiais e praças foram louvados pela energia com que se houveram nessa ocasião. Reorganizado com elementos do batalhão do regimento 24, passou a constituir o V batalhão, e novamente entrou em linha, portando-se com brio e valentia durante o periodo que durou a ofensiva contra os alemães, tendo-se salientado na passagem do Escalda, a 9 de outubro, duas companhias do 35, que no dia 11 de novembro, ao ter lugar o armistício, ocupavam Fraignes e Autiers, 23 Km. a N. E. de Tournay.

Por ultimo, vem uma relação dos officiais que faziam parte do efectivo do batalhão à data do armis-

tício, com indicação dos louvores e cruces de guerra, concedidos, começando pelo comandante do batalhão, que teve três louvores na ordem do Corpo e um louvôr em ordem da Brigada.

MARDEL (Eugenio Carlos), coronel de infantaria. — **A 4.^a Brigada portugêsa na frente de batalha. Apontamentos sobre a batalha de 9 de abril, elaborados e concluídos no " Campo de Prisioneiros " de Breessen em 16 de dezembro de 1918. Vol. litog. de 143 pag.^s (0,^m185 X 0,13).**

O autor foi comandante da 4.^a brigada portugêsa, que ocupava a 9 de abril de 1918 o sector de *Fauquissart*, na esquerda da frente portugêsa (5.^a brigada na direita *Ferme-du-Bois* — e 6.^a no centro, *Neuve-Chapelle*), e nestas condições a sua narração tem um grande valôr para a historia da nossa cooperação na guerra. Descreve promenorizadamente a maneira como estava guarnecida o sector de Fauquissart: Infantaria 20, tendo 3 companhias em 1.^a linha e uma em apoio com o P. C. em *Temple-Bar*; infantaria 8, com 3 companhias em 1.^a linha e uma em apoio com o P. C. em *Hyd-Park*; infantaria 29, apoio dos batalhões de 1.^a linha com o P. C. em *Red-House*; infantaria 3, constituia a *reserva* e tinha todas as companhias e o P. C. em *Laventie*.

A' esquerda da 4.^a brigada estava uma brigada escosseza, ocupando o sector de *Fleurbaix*. Aquela brigada, como as outras, tinha os seus effectivos reduzidos, pois faltavam-lhe 51 officiais, e 1300 praças e 85 solipedes. Alem do reduzido effectivo, outras causas havia que enfraqueciam a brigada. São as mesmas já indicadas por outros autores. A 4.^a brigada fôra guarnecer o sector de Fauquissart em 7 de fevereiro, rendendo a 6.^a brigada; e, durante a sua permanencia nesse sector, as tropas da brigada portaram-se exemplarmente, merecendo elogios e louvôres dos comandos superiores portugêses e inglêses, e repelindo com enegia todos os raids realizados pelo inimigo.

E' para notar que as companhias de *reserva*, em *Laventie*, soffriam mais baixas que as companhias

que guarneciam as trincheiras de 1.^a linha, pois o inimigo bombardeava com insistencia aquella povoação.

E' ainda para notar que a 4.^a brigada foi a unica que teve 8 meses de serviço continuo em 1.^a linha, e apesar disto, as tropas mostravam-se sempre disciplinadas.

O autor faz referencias muito ligeiras ao acontecimento desagradavel passado na 2.^a brigada, acontecimento que mais ou menos se fez sentir no moral das tropas.

O aumento da frente do sector de Fauquissart, em mais uns 500 méetros, e que teve lugar de 6/7 de abril, veiu evidentemente diminuir a densidade de occupação e enfraquecer a resistencia.

Foi em 7 de abril, na conferencia que teve lugar no Q. G. da 2.^o divisão, em Lestrem, que ficou assente, pelo general inglês Haicking, comandante do XI corpo de exercito, ao qual ficavam subordinadas as tropas portuguezas, que todas estas tropas seriam rendidas em breve, e a 4.^a brigada seria a primeira.

Em virtude dos reconhecimentos e informações obtidas em 1.^a linha, tudo fazia prever que o inimigo em breve ia atacar a frente portugueza, e disto fôra prevenido o comando superior. Como medida preventiva, apenas duas companhias da reserva (infantaria 3) foram mandadas reforçar o batalhão de apoio, na tarde e noite de 8 de abril.

O autor desenvolve a maneira como se realisou o ataque do inimigo na madrugada de 9 de abril.

Ao sêr iniciado o bombardeamento, ás 4 h. e 45 m., em breve ficavam cortadas todas as comunicações, e, num momento tão critico, a nossa artilharia pesada quasi emudecera, por têr sido retirada para outro sector! Por isso nas trincheiras os soldados exclamavam: «A artilharia não faz fogo; a nossa artilharia abandonou-nos!»

O inimigo penetrara primeiro pela esquerda, no sector occupado pelas tropas britannicas (sector de Fleurbaix).

A's 10 h. e 30 m. começavam a aparecer solda-

dos fugitivos, informando que as trincheiras estavam completamente arrasadas e já ocupadas pelos alemães. A's mesmas horas estavam já sendo batidas por metralhadoras as entradas e saídas de Laventie.

Foi então ordenada a transferencia do Q. G. da brigada para *Nouveau-Monde*, onde, por intermedio da brigada inglesa, se podia comunicar com o XI corpo de exercito inglês, e portanto, ainda que indirectamente, com o Q. G. da 2.^a divisão.

De facto, alguns officiais do Q. G. conseguiram retirar, reservando-se para o fim o comandante da brigada. Este porém e outros officiais foram atingidos pelos estilhaços de uma granada de grosso calibre, ficando morto o capitão inglês de ligação com a brigada inglesa em *Nouveau-Monde*, e feridos o comandante da brigada e outros officiais, que foram transportados para um P. S. alemão e depois evacuados para Lille. Foi no P. S. de Laventie que um general alemão, comandante duma das divisões de ataque, disse ao comandante da 4.^a B. I.: "Blessé et prisonier avec beaucoup d'honneur."

Como que prevendo os grandes acontecimentos de 9 de abril, o comandante da 4.^a brigada tinha dias antes mandado retirar para a rectaguarda a bandeira da mesma brigada, oferta de senhoras das familias dos officiais da brigada.

Os alemães atacaram a frente portuguesa com 4 divisões e empregaram na preparação mais de 1500 peças de artilharia.

A 4.^a B. I. teve 15 officiais mortos, 12 feridos e 50 prisioneiros.

Em varias *Notas* complementares dá informações muito interessantes, como não se encontram em qualquer livro até hoje publicado.

MENDES (Adelino). — **Cartas da guerra.** Porto, 1917. Volume in-16.^o de 338 paginas.

Este livro contem impressões de viagem fixadas com a rapidez de quem marcha para a guerra, mas que tem a sensibilidade fina dum grande critico. São capitulos curtos, ligeiros, mas insinuantes e que se lêem de um fôlego, pungindo-nos muitas vezes

pelas tristes comparações. Os sentimentos que lhe inspiram francêses e francêsas traduzem o maior estoicismo e um patriotismo nobre e alevantado.

"A França não descrê nunca." "A guerra, diziam eles, durará o que tiver de durar." Este elevado sentimento patriótico, esta confiança no triunfo do Direito e da Justiça, explicam o milagre do Marne!

O autor descreve-nos ainda o inglês, não menos patriota, mas o seu patriotismo é regulamentado, como regulamentado é tudo entre eles.

Enfim, é um livro delicioso, onde ha margem para rir, chorar, desopilar e retemperar.

MENDONÇA (Henrique Lopes de), professor de historia na Escola de Belas Artes. — **Portugal contra a Alemanha.** Lisboa. Editor, Pedro Bordalo Pinheiro. Livraria "Profissional". Largo do Conde Barão, 49. Folheto de 60 paginas. (0^m,135 X 0^m,095).

Pertence este folheto a uma serie de publicações dos chamados "Livros do Povo", edição destinada à vulgarisação de conhecimentos historicos e sociais. Este, de que nos ocupamos, compreende cinco capitulos, cuja enumeração basta para se avaliar do seu interesse:

- I — Origens da guerra ;
- II — Situação de Portugal perante a guerra ;
- III — Interesses de politica internacional ;
- IV — Interesses de politica geral ;
- V — Interesses de ordem moral.

Neste livrinho o autor levanta "um brado contra as ambições germanicas, que pretendem estrangular na alma humana as aspirações do bem".

MONTALVÃO (Justino de). — **França de Dôr e de Gloria.** Lisboa, 1919. Edição "Portugal-Brazil", Limitada. Volume de 178 paginas com capa ilustrada.

MONTEIRO (Henrique Pires), tenente coronel do Estado Maior e professor da Escola Militar. Este escritor tem as seguintes publicações relativas à Grande Guerra:

a) — **Padrões da Grande Guerra.** Conferencia realizada no "Salão de Festas" do jornal "O Primeiro de Janeiro", no Porto, em 18 de janeiro de 1922. Folheto de 18 paginas (0^m,21 X 0^m,13).

O conferente propoz-se nesta Conferencia expôr qual fosse o projecto da Comissão de oficiais da Armada e do Exercito sobre os *Padrões* da Grande Guerra, que devem ser destinados a marcar no terreno a nossa intervenção militar.

Esta conferencia foi ao mesmo a iniciação de uma serie de conferencias que os propagandistas procuram levar a effeito para fazer a "Consagração do Esforço da Raça Lusitana e a Glorificação dos nossos Mortos, herois sacrificados pelo Bem colectivo, que é a honra da Bandeira e da integridade territorial da nossa Patria."

O orador explicou que a origem da iniciativa dos *Padrões de Guerra* se deve ao *Touring Club* francês, que resolveu promover entre todos os exercitos aliados uma grande subscrição destinada a erguer, da Suissa ao Mar do Norte, 240 *Padrões*, demarcando o avanço maximo dos exercitos centrais em 1918. Nós devemos colocar o *Padrão de Lacouture*, que foi o ultimo reduto dos portuguezes gloriosos de 9 de abril, onde um punhado de bravos dos batalhões do 13 e do 15 resistiram até 10 de abril, sob o comando do valoroso capitão Bento Roma. O conferente, com o mais acendrado patriotismo, clama bem alto que "Divisão portuguesa cumpriu o seu devêr", pois, tendo effectivos reduzidos, suportou os primeiros embates de 8 divisões alemãs, especialmente preparadas para este formidavel ataque. A iniciação das Conferencias de propaganda foi magistralmente levada à pratica.

b) — **A Brigada do Minho na Grande Guerra.** Discurso proferido no Teatro Sá da Bandeira, em Viana do Castelo, no dia 3 de maio de 1922. Folheto de 23 paginas (0^m,205 X 0^m,125). Tipografia da Escola Militar. Lisboa, 1922.

Este discurso pertence a uma série, que já é grande,

de discursos pronunciados pelo distinto professor da Escola Militar, Pires Monteiro, que, sentindo em sua alma ardente de patriota, ainda vibrar as emoções passadas na Flandres, tem feito a mais intensa e louvavel propaganda para adquirir os meios pecuniários indispensaveis para se levar a efeito levantar "*Padrões*" que assinalem a nossa cooperação na guerra. O produto liquido dêste folheto reverte, pois, a favor da Grande Subscrição Nacional.

Entre os varios discursos pronunciados sobressai o que se refere à gloriosa "*Brigada do Minho*", que tão alto soube vincular à terra da Flandres o bom nome do exército português, dando-se a circunstância assaz notavel de ser esta brigada constituida pelos homens dessa parte de Portugal, berço da nossa nacionalidade, que por mais de uma vez tem enviado aquelas regiões cavaleiros e peões a batalhar.

O discurso pronunciado em Viana do Castelo é dedicado a um dos mais distintos officiais do nosso exército, o Coronel Mardel Ferreira, que comandava interinamente a "*Brigada do Minho*" no dia 9 de abril de 1918 e que teve a infelicidade de cair prisioneiro dos alemães, sendo agora por iniciativa dêste official que êste discurso foi impresso e sai a lume.

Numa exposição clara e vivida o tenente coronel Pires Monteiro desenvolve o tema do seu discurso, apontando qual seja o intuito moral e o objectivo material dos "*Padrões da Grande Guerra*". E' com a mais vibrante emoção que aquele official enaltece os feitos gloriosos do soldado minhoto, defendendo o terreno que occupava, e a honra da bandeira com que as Senhoras do Minho tinham brindado aquella brigada, e que era ao mesmo tempo a Bandeira Nacional.

O discurso é, pois, uma obra literária e ao mesmo tempo de uma grande elevação moral.

MONTEIRO (Quirino) e Melo Vieira. — **Gambusios. Soldados da Grande Guerra.** Lisboa, 1919. Volume in-16.^o de 200 paginas.

Este livro é "dedicado às creanças das escolas e

aos homens das casernas, àqueles que amanhã porventura tenham de batalhar, para que saibam que continuamos ainda a ser alguém.”

Os autores deste livro, sendo do batalhão de infantaria n.º 15, onde serviram, é especialmente desta unidade que se ocupam. Eles põem em relevo o que foram os nossos soldados, “procedendo, não como automatados submissos, mas como seres conscientes, corajosos, audazes, desconhecendo tibiezas, fazendo a guerra, não como um serviço, mas como uma coisa a fazer.” Era consolador vêr a maneira decidida com que se ofereceram os primeiros homens para ir de patrulha até às linhas alemãs, e sem quererem ser *pintados*, como foram os inglêses, que os acompanharam.

Por mais de uma vêz os soldados do batalhão do 15 deram provas da sua coragem, como foi o caso de dois soldados irem em pleno dia às trincheiras alemãs arrancar duas bandeiras pretas que ali estavam! A par deste facto, muitos outros contam os autores, passados com patrulhas, com os homens em *postos de escuta*, em raids, etc.

E' com justo orgulho que os dois officiais exaltam os soldados portuguezes, que nesta guerra mais uma vez honraram as belicas tradições.

MORAIS (Pina de), tenente. — **Ao Parapeito.** Porto, 1919. Edição da “*Renascença Portuguesa*”. Volume in-16.º de 158 paginas.

E' dedicado aos Portuguezes que se bateram em Africa.

Compreende este livro 16 capitulos, sendo escrito numa linguagem alevantada e bela, que se lê com prazer. E' pois proprio para as creanças das nossas escolas, sendo um livro sentimental, que traduz e sintetiza a alma nobre do soldado portuguez.

MORENO (Mateus). Deste escritor conhecemos as seguintes publicações relativas à Grande Guerra:

a) — **De Portugal à Flandres. Cinco cartas**

de guerra a cinco companheiros de luta. Lisboa, 1918. Imprensa de Manuel Lucas. Folheto de 32 paginas (0^m,133 X 0^m,074).

b) — **A Sinfonia Macabra ou a Alemanha e o Mundo. (Maximas da Kultur).** Lisboa, 1920-1921. Folheto de 44 paginas com ilustrações.

c) — **Sangue de Epopeia. A artilharia portuguesa na Flandres.** Lisboa, 1921. Editora "Resurgimento". Calçada da Penha de França, 12, 1.^o Volume de 158 paginas (0^m,185 X 0^m,125).

Este livro é acompanhado de varios retratos: o do falecido tenente de artilharia n.^o 2, Aurelio de Mendonça e Pinho, à memoria do qual o livro é consagrado; o do general Abel Hipolito, que faz preceder o livro de uma carta; os dos generais Garcia Rosado e Gomes da Costa; o do coronel Sá Cardoso; o do coronel Coelho de Oliveira, comandante da artilharia da 2.^a divisão; e de outros.

O livro é acompanhado de uma outra carta, esta devida ao tenente coronel de artilharia Carlos Maia Pinto.

Este livro é o seguimento de outro livro do mesmo autor — *De Portugal à Flandres*. O autor dá uma idéa da organização do sector occupado em 9 de abril pelas tropas portuguesas, promenorisa o dispositivo das baterias e occupa-se depois dos acontecimentos após "o insucesso de La Lys" (sic), e que considera como uma segunda etape.

A sua linguagem é vernacula e a expressão de uma flagrante sinceridade, que o autor bem frisa, dizendo "que nunca soube servir-se da calunia para escada *Magyrus* da celebridade." Enaltece, como um apaixonado artilheiro, a maneira brilhante como a sua arma se houve em França, levantando bem alto o bom nome do exercito português. "*L'Artillerie Portugaise, oh, oui*", diziam as raparigas francezas, quando viam, apenas os artilheiros, novamente marchar para a frente, eles, "as unicas e verdadeiras almas nobres irrevoltaveis do C. E. P."

Como vemos, este livro marca um lugar proemi-

nente entre as varias publicações que teem apparecido a respeito da nossa cooperação na guerra.

MOURA (Carneiro de), Director Geral de Administração Publica e professor de Sciencia Administrativa na Escola Colonial. — **Depois da Guerra. Portugal e o Tratado de Paz.** Lisboa, 1918. *Tip.^a da Imprensa Nacional. Vol. de 271 pag.^s (0^m,24X0^m,18).*

O Dr. Carneiro de Moura, professor, financeiro e antigo parlamentar, é conhecido pela facilidade com que escreve e fala. Na sua obra escrita, que já é abundante, avultam trabalhos sobre assuntos sociais, economicos, coloniais, vislumbrando-se mais ou menos em todos eles as suas tendencias para uma melhor organização da sociedade, consoante as necessidades actuais. Este livro intitula-se «Depois da Guerra» e pertence, portanto, à categoria de outros que no estrangeiro teem versado este problema: como deverá organizar-se o mundo em consequencia dos resultados da Grande Guerra? Mas o livro tem por sub-titulo «Portugal e o Tratado de Paz». Qual Tratado de Paz? O que estava para se discutir depois do armistício? O autor não conhecia ainda o projecto do Tratado, pois que termina a sua obra justamente nas vespéras da reunião dos plenipotenciarios em Versailles. Conhecia, porém, o texto do armistício e propõe-se dizer o que pensa sobre o que deverá ser o Tratado de Paz. E como o Tratado ha de importar a todos os beligerantes da vespera, e portanto ha de importar a Portugal, é do que respeita ao nosso país que o Dr. Carneiro de Moura principalmente se occupa. Tal é a síntese brevissima deste livro, cuja divisão é a seguinte: 1.^a parte — Soluções juridicas; 2.^a parte — A politica internacional; 3.^a parte — A questão economica; 4.^a parte — A questão administrativa.

A síntese das idéas do autor pode dizer-se que são estas suas palavras (pag. 47): «A grande guerra veio completar a obra da agitação humana, porque tornou um facto a mobilisação civil, ou melhor — a socialisação da produção, da circulação e do consumo da riqueza.»

Ao terminar a obra, o Dr. Carneiro de Moura, conhecendo já a proposta de Wilson sobre a Liga das Nações, escreve (pag. 251): "Se a Liga das Nações tem de realizar-se e tem de ter um significado historico indefectivel, porque não pode ser Lisboa a cidade, onde venha a reunir-se esse alto areópago internacional, onde os representantes de todas as nações deliberem sobre a marcha da civilização dentro do novo equilibrio politico dos povos?"

NAVAL (Publicações do Estado Maior). — São duas publicações:

N.º 1 — **Os ensinamentos navais da Grande conflagração mundial e a nossa acção marítima.** Lisboa, 1919. Tipografia de J. F. Pinheiro. Volume de 149 paginas (0^m,22 X 0^m,155), pelo capitão de fragata Fernando A. Pereira da Silva.

Este livro, publicado sob os auspícios do nosso E. M. Naval, considera na Grande Guerra cinco fases. Em cada uma delas se estuda a acção das forças navais dos beligerantes, descrevendo — os combates de Falkland, de Dogger-bank, de Riga; a expedição a Salonica, a acção dos submarinos no Mar do Norte, os transportes de tropas e as operações combinadas no Mediterraneo; a batalha da Jutlandia; o embutelhamento de Zeebrugge e Ostende, etc. Por fim, analisa a nossa acção marítima e mostra como nós, com fraquissimos recursos navais, efectuamos prolongados cruzeiros, numerosos comboiamentos, limpamos campos de minas, patrulhamos as costas, de maneira que os nossos transportes de tropas nunca se perderam. Foi através de tantos perigos que os nossos caça-minas fizeram as dragagens, que permitiram o livre acesso aos nossos portos, tendo sido sacrificado o caça-minas "Roberto Ivens", que na barra grande chocou com uma mina, e assim como o "Augusto de Castilho", quando se sacrificou para salvar o paquete "S. Miguel".

Por fim, analisa os factores de combate na Guerra mundial.

N.º 2 — **A Grande Armada. Resenha do livro do almirante, Visconde Jellicoe of Scapa.** Lisboa, 1920. *Tipografia Rosa Limitada. Volume de 127 paginas (0^m,22 X 0^m,155).*

É uma resenha do livro do almirante Jellicoe, que à ultima hora fôra nomeado comandante em chefe da Grande Armada inglêsa, comando que conservou até à batalha da Jutlandia. O fim deste livro é pôr em evidencia os mais importantes ensinamentos e os factos culminantes de que o almirante trata. Pela exposição se vê como os principios fundamentais da estrategia naval foram adaptados às novas condições da guerra naval. Os factos são, não só apresentados, mas alguns judiciosamente criticados, e por isto este trabalho se torna muito apreciavel aos que pretendam estudar o grande conflito mundial nas suas diversas modalidades.

NEGREIROS (Almada), correspondente de guerra do "Seculo". — **Portugal na Grande Guerra. (Cronicas dos Campos de batalha). 1.º volume — A iniciação dos "Serranos".** Tem uma prefacção do Dr. Bernardino Machado. Paris, 1917. *Imprense Lahure. Librairie Garnier. Volume de 327 paginas (0^m,19 X 0^m,12) com 7 gravuras.*

Compreende este volume duas partes com 29 capitulos e um Apenso. A 1.ª parte tem como titulo — *Na frente britanica*; e a 2.ª parte — *Na frente portuguesa.*

São impressões dos campos de batalha; impressões magistralmente descritas e sentidas, colhidas nas visitas do autor às trincheiras, na frente britanica e na frente portuguesa.

Na sua visita às trincheiras portugesas cita alguns episodios, que bem caracterizam a valentia do nosso soldado, a quem o autor alcunhou, segundo diz, de "serrano" em memoria do grande Viriato; e os factos citados definem bem o soldado portuguez.

É um livro que se lê sem fadiga.

NINGUEM (João). — **O 9 de abril. Separata dos arti-**

gos publicados no «*Jornal de Benguela*». Benguela, 1921. Tipografia do «*Jornal de Benguela*». Opusculo de 60 paginas (0,^m20 X 0^m,13).

O autor, official distinto do nosso exercito, e que se subscrive com o pseudónimo de «João Ninguem», propõe-se dar uma noção exacta do que foi o 9 de abril, e mostra que o ataque ao sector portuguez deu-se porque por aqui passava o caminho que conduzia os alemães a *Cdlais* e *Boulogne*; e teve lugar em abril, e não antes, por causa do terreno. A 2.^a divisão portuguesa cedeu porque a sua capacidade de resistencia não lhe permitia resistir por mais tempo ao terrivel embate de forças muito superiores.

O autor vai comparando e acompanhando a par e passo o livro do general Gomes da Costa — *A batalha do Lys* e as *Memorias* de Ludendorff — *Souvenirs de Guerre*, tradução do general Buat, e dessa comparação tira varias conclusões. Uma das causas da nossa fraca resistencia, resultou, como o autor diz (pag. 20), do facto da nossa "2.^a divisão estar nas linhas desde novembro de 1917 sem que tivesse sido dado descanso a nenhuma das suas brigadas!"

O autor dá varias informações sobre os preparativos da batalha de 9 de abril e explica a razão por que tinham sido desfalcadas as reservas à retaguarda e retirada grande parte da artilharia pesada inglesa (para acudir à brecha que se dera no Somme). O que aconteceu à nossa 2.^a divisão, aconteceria a qualquer outra, francesa ou inglesa, dadas as circunstancias em que se encontrou a nossa divisão. E' a conclusão logica.

NORONHA (Eduardo de). — **O vulcão da Europa**. Lisboa, 1915. Volume in-16.^o de 425 paginas.

E' um estudo, tanto quanto os elementos de então permitiam, das operações da guerra nos primeiros meses desta.

Com a facilidade com que o autor escreve, e com a clareza e adorno da linguagem, a leitura desta obra torna-se amena e contém uma serie de documentos e considerações dignos de ser consultados pelos que

desejam coligir materiais para a historia da Grande Guerra.

OLAVO (Americo). — **Na Grande Guerra.** Lisboa, 1919. Volume in-16.^o de 277 paginas.

Compreende este livro 24 capitulos, todos eles mais ou menos sugestivos e dignos de ser lidos.

A nossa entrada na guerra é justificada de uma maneira cabal, considerada sob diversos aspectos: o das alianças, o moral e o politico. O autor, como grande patriota que é, apesar de deputado, marchou para a guerra, não se querendo eximir a um devêr sagrado para com a Patria.

Descreve a sua viagem para França. Tem apreciações violentas, mas tonificantes, a respeito de alguns dos seus companheiros de viagem, mostrando assim que tem um espirito são num corpo são; mas criticando a má lingua, torna-se tambem um má lingual!

E' com razão que observã que os homens foram para França sem saberem como se fazia a guerra, tendo de ir aprender a usar dos diversos meios de guerra.

A' sua chegada a França, foram distribuidas aos homens botas novas, e, para experimenta-las, fizeram-nos andar 32 quilometros, de forma que 10 % ficaram logo incapazes de marchar.

Não perdôa os pequenos esquecimentos aos altos *estrategos*! Não são alfinetadas, são facadas! A sua critica é por vezes impiedosa. Descreve de uma maneira clara e precisa, e em linguagem elevada, a vida do campo de batalha, fazendo justas considerações, que são verdadeiros ensinamentos. Parece até que já fizera a guerra; enquanto que outros, tendo-a feito, não ficam sabendo como ela se faz.

Apreciando o que algumas vezes diziam os seus camaradas, serve-se de um ferro em brasa, não se lembrando que um tal meio de cauterizar feridas, pode ser mais prejudicial que util.

Sobre as nossas operações na frente de batalha segue a par e passo todos os acontecimentos e assim

se pode ir acompanhando dia a dia a vida dos campos de batalha.

OLAVO (Carlos). — **Jornal dum prisioneiro de guerra na Alemanha.** Lisboa, 1919. Guimarães & C.^a Editores. Vol. de 204 pag.^{as} (0.^m 185X0,^m 115).

O autor, como ele diz na sua "*Explicação*", reuniu em volume as suas "notas flagrantes de emoção, porque foram escritas sob a acção viva do sentimento e que tem por vezes um caracter pessoal e intimo." E' isto mesmo que caracteriza o livro e lhe dá importancia. O autor declara que "não faz estilo porque aquelas notas foram escritas nas circunstancias mais agitadas e nos lugares mais incomodos. Algumas, estremecem ainda das violencias do combate; outras, formaram-se nas infectas casernas de Lille."

Carlos Olavo entrou na batalha de 9 de Abril, fazendo parte na 2.^a bateria de obuses (4.^a B. do 2.^o G. B. A.) de campanha, e cooperou com a artilharia pesada inglesa no bombardeamento de 8 de abril. Foi este bombardeamento que fez supôr, a portugueses e ingleses, que o bombardeamento iniciado pelos alemães na madrugada de 9, não era mais do que um tiro de represalia, provocado pelo nosso fogo do dia anterior.

Sente-se, ao lêr este livro, um arrepio e uma indignação sem limites, vendo a maneira, mais que deshumana como os alemães trataram os seus prisioneiros!

Apermanencia durante 3 meses no campo de Rastatt representa inarraveis sofrimentos!

E' com verdadeira magoa que o autor frisa a flagrante diferença de tratamento para connosco, por parte dos franceses, nossos aliados de momento, e dos ingleses, nossos seculares aliados. Questão de temperamentos que nós, os latinos, não compreendemos bem.

O livro de Carlos Olavo é todo cheio de palpitante interesse, que se lê sem se sentir fadiga, de tal

maneira, nos sentimos presos pela naturalidade da exposição e pelo interesse da narrativa.

OLIVEIRA (J. da Mata). — O bombardeamento e as defesas acessórias da fortificação das bases marítimas.

Memória para o concurso da 11.^a cadeira da Escola Naval. *Lisbôa, 1917. Opusculo de 22 paginas (0,^m225X0,^m155).*

Apesar das suas poucas paginas, estão neste livrinho condensados muitos assuntos, e todos de interesse palpitante como são: Fim da fortificação das costas; evolução da defesa das costas; estado actual do problema da organização da artilharia das bases marítimas; emprego das defesas acessórias nas outras operações da guerra costeira.

Como vemos, é um verdadeiro e interessante programa destinado ao concurso, e que o autor se propunha desenvolver.

OLIVEIRA (Manuel de). — Notas de um soldado em campanha. Apontamentos, factos e impressões da guerra, colhidos nos campos de batalha de França. Aveiro, 1919. Volume in-16.^o de 142 paginas.

O autor apresenta "o que escreveu sob as granadas, muitas vezes sobre os joelhos e sob a impressão imediata dos acontecimentos." E por isso, tudo o que diz tem maior espontaneidade e sinceridade.

Como "Diário de campanha", segue por ordem cronologica, dia a dia, os acontecimentos, desde fevereiro de 1917. Partindo de Aveiro com o batalhão de infantaria 24 no dia 22 de fevereiro de 1917, embarcou logo em Lisbôa no transporte "*Bohemian*" chegando a Brest a 26. A 4 de março o batalhão chegava a Aire, indo acampar na povoação de Erny-St-Julien, donde depois mudaram para Herbelles (29 de março).

No dia 30 de abril era a partida para as trincheiras, que ficavam a 50 Km. (3 dias de marcha), onde iam fazer a aprendizagem. A 5 de maio retirada para

o acampamento de Herbelles. A 16 de maio o batalhão volta novamente às trincheiras, ainda para instrução. A 19 instala-se em Pont-du-Hem e a 22 já guarnecia a 2.^a e 3.^a linha, redutos e posições. Descreve o autor a vida das trincheiras e sua organização. Em 29 de maio o batalhão é rendido pelo do 23, retirando para L'Épinette. A 15 de junho volta o 24 às 1.^{as} linhas, após 17 dias de repouso, em que completou a sua instrução. Estas idas e vindas repetem-se periodicamente.

A 15 de outubro o Dr. Bernardino Machado e o Dr. Afonso Costa visitam as linhas. A 4 de novembro o batalhão do 24 é transportado em 40 camiões para descansar em Paradis, a 12 Km. das trincheiras.

Enfim, como se reconhece pelo que acabamos de indicar, segue-se neste livro a par e passo a vida das trincheiras e todo o mecanismo da guerra estabilizada.

Faz referencias aos tristes acontecimentos que se deram com a 2.^a brigada e que determinaram a retirada brusca desta em 7 de abril e também as da 1.^a, ficando a 2.^a divisão a guarnecer as linhas com a 1.^a brigada da 1.^a divisão.

O autor deste belo livro sentiu a alma confranger-se quando viu a maneira como as tropas foram recebidas no seu regresso a Portugal! As ultimas paginas deste livro contem um brado de indignação contra o feroz egoismo do nosso povo, ou antes, contra o dos seus dirigentes.

ORNELLAS (Ayres de) — **Um ano de guerra** (*agosto de 1914-agosto de 1915*). Porto, 1916. Vol. in-8.^o de 285 paginas.

O autor, sendo um colonial distinto e um espirito culto, não admira que nos empolgue logo ao iniciarmos a leitura do seu livro. No "*Prefacio*" acentua bem que a grande batalha do Marne foi uma victoria francesa, em que o sangue inalteravel, a força moral, a calma tranqüila de Joffre, revelam um daqueles homens, que Napoleão chamava — "*Carrés par la base.*" Demonstra também que a guerra mun-

dial vinha de ha muito sendo preparada, e que vivava em primeiro lugar a Inglaterra, pois, segundo declarava o imperador Guilherme 2.º: "E' preciso que o tridente passe para as nossas mãos." E ainda: "O nosso futuro está no mar." Mas não era o aniquilamento da Inglaterra a que aspirava o Kaiser, era o dominio do mundo, porque — "O mundo só poderá tær felicidade, quando sob o dominio alemão."

O autor acentua que a civilização germanica é toda materialista, e que o germanismo é o fruto do luteranismo. A Alemanha estava preparada para a guerra e apenas esperava um pretexto, ainda que fosse agarrado pelos cabelos; e esse pretexto foi o crime de Serajevo.

O autor acompanha e comenta com grande lucidez e copia de argumentos o desenrolar dos preliminares da gigantesca luta. Nêste volume estuda as diferentes questões politicas e militares que decorreram no primeiro ano de guerra, e de cuja leitura não poderão prescindir os que queiram fazer uma idéa exata da guerra nêsse periodo, dispensando assim consultas mais trabalhosas, demandando tempo e dinheiro.

PELO MESMO — Segundo ano de guerra (*agosto de 1915-agosto de 1916*). Porto, 1918. Vol. in-8.º de 303 paginas.

Assim como a batalha do Marne é o facto culminante do 1.º ano de guerra, assim a batalha de Verdun representa tambem o facto que domina o 2.º ano de guerra.

Nêste outro livro o autor apresenta a sintese dos acontecimentos militares e politicos, agrupando-os por teatros de operações. Tem este livro um "Prefacio" e 10 capitulos, cujos titulos são: Portugal e a guerra; França; Grã-Bretanha; Italia; Russia; Nos Balkans; Na frente da Asia; Em Africa; A Mithel-Europa; O Cardeal Mercier e o Germanismo.

No 1.º capitulo — Portugal e a guerra — trata com grande desenvolvimento da intervenção de Portugal na guerra e faz um estudo de alta importancia, que

deve merecer a atenção dos nossos políticos. Nos outros capitulos occupa-se de diversas questões com aquele critério, que só se obtem pelos vastos conhecimentos que autor possui. E' este portanto um livro, que não só se deve lêr, mas que se deve meditar, independentemente da paixão politica, que muitas vezes domina o autor.

OSORIO (D. Ana de Castro) — **De como Portugal foi chamado para à guerra.** *Historia para crianças.* Lisboa, 1918. Casa Editora "Para crianças". Folheto de 99 paginas.

PELA MESMA — **Correspondencia dos Afilhados de guerra.**

OSORIO (Paulo) — **Quando estavamos em guerra. O que se desconhece sobre os soldados portugueses em França.** Porto, 1920. Livraria Chardron de Lello & Irmão. Vol. de 180 pag.^{as} (0,^m131X0,^m0181).

PELO MESMO — **Através do Livro Branco. Uma pagina de historia contemporanea.** Porto, 1920. Comp.^a Portuguesa Editora. Volume de 190 paginas (0,^m180X0,^m120).

PEREIRA DA SILVA (Manuel) — **A preparação para a guerra.** Penafiel, 1915. Opusculo de 20 paginas (0,^m21X0,^m15).

PIMENTA (Alfredo) — **O problema da guerra.** Porto, 1916. Folheto in.-8.^o de 30 paginas.

O problema da guerra é encarado sob dois aspectos: o aspecto generico, independente dos nossos interesses e da nossa atitude; e sob o aspecto propriamente nacional, dizeado respeito ás suas consequencias internas.

No primeiro caso, os factos são analisados sob o de vista filosofico, da vida social.

No segundo caso, falam os politicos, que avaliam e conhecem os interesses e conveniencias do país.

O autor inspira-se nas obras publicadas por Borgèse — "Italia e Germania"; — por Filipo Cardi — "A riqueza e a guerra"; no de Gustavo Lebon — "Enseignements psychologiques de la guerre européenne; de Lanessan — "Les Empires germaniques" — Acentua que a luta era propriamente entra a Inglaterra e a Alemanha, e devida aos interesses politicos e economicos de ambos, e conclue que — "se não deve atribuir as responsabilidades da guerra à Alemanha, porque a Alemanha ainda não estava preparada para esta guerra no momento em que ela rebentou. Seguindo o fio dos acontecimentos no campo diplomatico e militar, assim o prova.

Afirma o autor que opinião publica portuguesa, desde as baixas até ás altas camadas sociais, não tinha capacidade para avaliar se se deviam inclinar para a civilização dos aliados, ou dos austro-alemaes!

O autor pôs de parte a questão moral, pois de outra forma não fazia tal afirmação.

PIMENTA (Eduardo), coronel medico e profsssor da Universidade de Lisbôa. **A Ferro e Fogo. Na grande guerra (1917-1918)**. Porto, 1919. Edição da "Renascença Portuguesa". Vol. de 132 paginas e com 7 gravuras.

Este livro contem uma serie de descrições, em estilo atraente, proprio de um moderno literato; e por isso lê-se de um folego. Dos seus estruturais capitulos, não sabemos qual deveremos destacar, se a "Morte da Cathedral", se o "Soldado poeta", pois qualquer deles é primoroso.

Absorvidos nessa leitura amena e suave, chegamos a esquecer a guerra.

PELO MESMO — Palavras proferidas na Sessão Universitária de 9 de abril de 1921, dia da glorificação do Soldado Desconhecido. Porto,

1921. *Tipografia Rodrigues & Luz Limt.^a. Folheto in.-8.^o de 9 paginas.*

E' um conciso, mas eloquente discurso, onde se exalta o valor lusitano, e, em nome dos dois «Soldados Desconhecidos» se pede — «que a paz interna seja como um raio de sol sobre a terra em germinação, e que os homens da mesma raça se unam, desenraizando odios mesquinhos e se estendam efusivamente as mãos, sem desvairados rancores.»

PELO MESMO — O serviço de saude num Campo de Tropas.

Este trabalho, baseado nas lições aprendidas em França, foi apresentado pelo autor ao Congrso Luso-Espanhol. e está sendo publicado na «Medicina Contemporanea», devendo depois ser distribuido, em separata, pelos diversos estabelecimentos militares. E' um trabalho de suma importancia, que será muito apreciado no meio militar.

PINTO (Fernando de Oliveira). — 1.^o tenente de marinha. **Batalhão de marinha expedicionário a Angola (1914-1915).** *Lisbôa, 1918. Opusculo de 66 paginas com uma carta (0,^m23 X 0,^m16).*

Neste livrinho o autor descreve a accção do Batalhão de Marinha na campanha de 1914-1915 em Angola, tratando da organização da expedição e acompanhando as variadas fases e ocorrencias em que aquela unidade tomou parte.

O Batalhão teve momentos em que se encontrou em situações angustiosas, mas das quais sempre se desembaraçou com honra e brio.

E' um documento importante para historia da campanha ao Sul de Angola.

PONTES (José). — **Mutilados portugueses. Narrativas de guerra e estudo de reeducação.** *Lisbôa, 1918. Editor Guimarães & Comp.^a. Volume de 190 paginas.*

PORTUGAL (O conflito europeu). — *Lisbôa, 1919. Imp. Nacional. Vol. in.-8.º de 203 paginas. Medidas para atenuar a crise economica desde 1 de julho a 31 de dezembro de 1917.*

Este livro contem a enumeração das medidas tomadas para fazer face à crise economica que impenhia sobre o país, em virtude da grande guerra. Na primeira parte trata do abastecimento do país (importação e exportação) e contem os Decretos publicados nesse sentido. E' pois uma compilação desses decretos com indicação dos "Diários do Governo" em que foram publicados.

Numa segunda parte, trata dos rendimentos e encargos do Tesouro (Emprestimos e subvenções).

PORTUGUÊS (Corpo expedicionário-C. E. P.). — *França, 1919. 3 volumes in.-16.º*

Compreende esta publicação 3 volumes, contendo todas as disposições publicadas nas "Ordens de Serviço" durante todo o periodo que duraram as operações, e prolongando-se até janeiro de 1919.

O I.º volume, com 173 paginas, contem a parte da organização do C. E. P., e vai até 22 de janeiro de 1919.

O II.º volume, com 318 paginas, compreende o funcionamento dos diversos serviços, e vai até 31 de outubro de 1918.

O III.º volume, com 103 paginas, trata do serviço interno nas unidades e formações, e vai até 31 de outubro de 1918.

Esta obra, tendo um caracter official, é indispensavel que seja conhecida de todos os que queiram escrever sobre as operações do nosso C. E. P.

PORTUGUÊS (Ao Povo). — **A Guerra. Manifesto da Junta Nacional de Propaganda Patriótica.** *Lisbôa, 1916. Folha volante.*

Destinava-se esta publicação a explicar os motivos que levaram Portugal à guerra contra a Alemanha, descrevendo a historia da aliança luso-inglesa. E' uma publicação de alta significação patriótica.

PATRIOTICA (Junta) do Norte.— **Manifestos dirigidos à Nação.** Porto, 1916.

São três Manifestos, tendo todos como fim exaltar o espírito publico e o sentimento nacional na luta contra a Alemanha.

PELA MESMA —. **Palavras claras. Rasões da intervenção militar de Portugal na guerra europeia.** *Relatorio publicado no "Diário do Govêrno" n.º 9 1.ª S., de 17 de janeiro de 1917 — Lisboa, 1917. Imp. Nacional. Fol. de 27 pag.ªs (0,ª215 X 0,ª135).*

"O govêrno dirige-se aos homens de bem do seu país para que as suas palavras ecoem em todo o mundo civilisado", justificando a nossa intervenção na guerra.

E' um livrinho de propaganda com altos fins patrioticos.

RIBEIRO (Joaquim).— **Na guerra. Depoimento de um voluntário.** Lisboa, 1919. Ed. Portugal-Brazil-Lim. Imp. Libanio da Silva. Volume de 160 paginas (0,ª19 X 0,ª12).

Este livro tem o duplo character: militar e politico. Sob o ponto de vista militar vejamos o que diz o autor:

"Tendo partido para a França, fazendo parte da "4.ª bateria do 2.º G. O., desembarcou em Brest a "26 de abril de 1917. Apoz uma demorada preparação, por causa de se ter retardado a chegada do "material, entrou no *front* a 1 de julho de 1917; e, "quando pela primeira vez lhe pertenceu serviço no "posto de ligação com a infantaria, concluiu que "tal serviço pouca utilidade tinha. Era deveras faticante estar 12 horas seguidas no P. O. e sêr enco-medado de meia em meia hora pelos ajudantes do "grupo e por officiais do comando, que, *pelo tele-fône*, verificavam se havia alguma falta." O autor, sem sêr má lingua, faz-se comtudo éco da má lingua dos outros, que se entretinham a fazer poesias contra os "*homens da guerra.*"

Afirma que em muitos sectores ingleses a acalmia era tão grande (para evitar represalias) que se não dava um tiro; que se dera ordem para se não bombardear os P. O. alemães para estes não bombardear os nossos!

Tem apreciações pouco lisongeiras para alguns dos nossos chefes militares. Ainda que não estivesse na frente, quando foi o 9 de abril, contudo o autor dá interessantes informações ácerca dos acontecimentos, que tiveram lugar.

Creio que o autor fala com a maior sinceridade e que é o seu grande amor à Pátria e ao bom nome do seu País, que o faz verberar certas faltas, as quais aliaz se deram em todas as frentes, e com todos os exércitos. "*Errare humanum est.*"

RIBEIRO (Rafael)—Preparação de Portugal para a guerra. Coimbra, 1916. Vol. de 119 paginas (0,^m19 X 0,^m13).

Este livro começou a ser escrito antes da nossa cooperação na guerra e teve por fim registar e comentar os processos empregados por nós para preparar o nosso exército para a guerra, na eminencia da nossa intervenção.

Com todo o fervor aconselhava que se recorre-se a conferencias, serões, festas militares, e à organização de sociedades para dirigir e coordenar todos os esforços.

Contem este livro afirmações de alto valôr, contendo principios, que, sendo correntes nos tratadistas militares, eram contudo esquecidos no nosso país por militares e politicos. O autor defende com todo o calôr a necessidade de termos um exército devidamente organizado, instruido e disciplinado, ainda que estejamos apoiados, por um tratado de aliança, sobre a força de uma potencia forte, porque — "nenhuma nação é forte, quando não conta com os seus proprios recursos; aquella nação que tem asua independencia à mercê da força alheia, não é uma nação, é um protetorado."

E', portanto, um livro inspirado nos mais altos sentimentos patrióticos.

ROMA (Bento Esteves), major de infantaria — **Os Portugueses nas trincheiras da grande guerra.** *Pa-lestra feita na Escola Militar em 15 de maio de 1920 em propaganda da "Aldeia Portuguesa" na Flandres. Lisbôa, 1921. Folh. in-16.-de 58 paginas com um Prefacio de Leal da Câmara.*

E' oferecido ás mulheres de Portugal que souberam sentir e sofrer a guerra.

O autor, que fez parte da primeira missão de infantaria que foi à França e que foi tambem director do "Campo Central de Instrução", está em circumstancias de nos informar com conhecimento de causa do estado de instrução que as nossas tropas tinham quando chegaram à França. Como o autor declara, "a instrução era indispensavel, pois a infantaria ía empregar um material que desconhecia: a espingarda, que era outra, as metralhadoras ligeiras, os morteiros, as granadas de mão e de espingarda." Ao Campo Central de Instrução, em Marthes, cujo pessoal era de 7 officiais e 40 sargentos e 1.ºs cabos, íam diariamente receber instrução 1.300 praças e officiais, que eram destinados para instrutores e monitores.

O autor expõe de uma maneira clara e simples a organização e funcionamento do serviço de 1.ª linha, mostrando quanto era ardua a vida nas trincheiras, tanto que muitos se davam por felizes em ser feridos para irem para os hospitais, tanto mais que encontravam aqui disvelados carinhos de dedicadas enfermeiras portuguesas.

Expõe tambem os antecedentes do dia 9 de abril e narra como se deu o ataque neste dia.

Ás 4 h. 15 m. rebentou a primeira granada alemã; ás 5 h. estavam as comunicações cortadas; ás 8 h. aparecia na séde do batalhão de infantaria 13 o contra-mestre de corneteiros de infantaria 17 a prevenir que os "boches" estavam já perto, tendo prendido o comandante do batalhão do 17 e todo o

batalhão do 4. Ora o batalhão de infantaria 13 era a *reserva* à disposição do comandante da brigada..

O batalhão do 13 tinha no dia 5, ás 18 h., recebido ordem para ir para *Lacouture* render o batalhão de infantaria 17, em virtude de graves acontecimentos que neste se tinham dado.

As trincheiras que o batalhão do 13 ía guarnecer precisavam de sêr muito reparadas. No dia 8 ainda não estavam terminados os reconhecimentos, quando um observador comunicou que camiões alemães estavam descarregando consideráveis munições. Tudo denotava a eminência de um ataque. Ás 20 h. do dia 8 o batalhão era avisado que no dia 9 os portugueses seriam rendidos por tropas britannicas. Mas, oh fatalidade, nesse dia os alemães atacavam e a rendição anciosamente esperada, não tinha lugar!

Neste dia 9 o P. C. do batalhão do 13 assim como a 1.^a e 2.^a companhias estavam em *Senechal Ferme*; a 4.^a companhia em *Chateaux de Lacouture*; a 3.^a companhia em X. À direita do batalhão do 13 estava o batalhão de infantaria 15. Em *apoio*, na *Rue des Chavattes*, estava o batalhão de infantaria 4. O P. C. da brigada (6.^a) estava em *Ceuse du Raux*. Os homens de infantaria 13 e infantaria 15 resistiram até à noite. Em breve, porém, eram cercados. Ás 20 h. rendia-se o comandante do batalhão do 15 e o comandante de um batalhão britannico. O do 13 viu-se obrigado tambem a render-se. A defêsa de Blok-House pelo batalhão de infantaria 13 foi surpreendente de heroismo! Ainda no dia 10 de manhã se combatia nalguns pontos, e as tropas inglesas, que devium vir fazer a rendição não apareciam...

O autor declara que é menos exacto o que o general Gomes da Costa diz no seu livro — "*A Batalha do Lys*" — a paginas 153 e 154 a respeito do batalhão de infantaria 13.

Por esta resenha se vê que os elementos fornecidos pelo autor para a historia do C. E. P. são de valiosa importancia.

cias de Lisboa — **A Avalanche.** Lisboa, 1918. Tip. da Imprensa Portuguesa. Volume de 224 paginas (0,^m185 X 0,^m120).

Compreende este livro duas partes: 1.^a parte — À margem da Grande Guerra, tendo 20 capitulos; 2.^a parte — No coração da Guerra. Soldados de Portugal, com 15 capitulos.

Na 1.^a parte o autor traça com mão de mestre a ambição desmedida que dominava a Alemanha, premeditando cair sobre a Europa como uma "Avalanche" e daí o titulo dado ao livro. Nesta 1.^a parte o autor apresenta a evolução por que foi passando e crescendo essa ambição; a transformação surpreendente da sua industria e da sua marinha, e aos vastos mercados de todo o mundo, que eles queriam alargar a tiro de canhão, à bomba e por meio dos venenosos gazes!

Mas... o homem põe, e Deus dispõe. E a avalanche derreteu-se, batendo de encontro a peitos aquecidos por uma moral superior à dos teutões. E o sôpro de uma religião mais pura varreu o lençol gazoso que espadanava das bombas, que os morteiros alemães lançavam. Na 2.^a parte descreve impressões de viagem e esboçeta o nosso soldado com vivazes e naturais côres.

Ha capitulos de béla prosa, que são verdadeira poesia, onde se manifesta a alma do poeta vibrando ao som do canhão.

SANTOS (João A. Correia dos), capitão de infantaria com o curso de E. M. — **Males e remedios. Preparação de Portugal para guerra europeia.** Lisboa, 1915. Vol. de 224 pag.^{as} (0,^m225 X 0,^m150) com illustrações.

O livro é "consagrado à memória dos desditosos camaradas que no combate de Naulila tão denodamente pagaram com a vida o cumprimento do seu devêr."

O autor, já muito conhecido no nosso meio militar e sciêntifico, propõe-se fazer a propaganda e

procura concorrer para o nosso ressurgimento e engrandecimento militar.

Examinando atentamente os males de que enferma o nosso organismo militar, aponta os remedios que, a seu vêr, são capazes de dar vida a esse organismo.

PELO MESMO — **Lições da guerra actual. Nas trincheiras da Belgica e da França.** Conferencias realizadas no regimento de infantaria n.º 5. *Lisbôa, 1915. Vol. de 101 paginas (0,^m225 X 0,^m150).* Foram 4 as conferencias realizadas :

Na 1.^a conferencia o autor ocupou-se dos — Meios de acção da infantaria. As trincheiras do campo de batalha.

Na 2.^a conferencia tratou das — Caracteristicas dos fogos da infantaria e confronto das experiencias realizadas em Madrid com as do campo de tiro de Mafra.

O objecto da 3.^a conferencia foi — Emprego das metralhadoras nas trincheiras e no seu ataque e defesa.

Na 4.^a conferencia — Combates de noite. Aproveitamento do azote do ar nos adubos quimicos e nos explosivos. Basta a enumeração das materias versadas nestas conferencias para se avaliar a sua importancia.

SARMENTO (general José Estevam de Moraes) — **A expansão Alemã. Causas determinantes da guerra de 1914-1918. Suas tentativas e perigos na Africa Portuguesa.** *Lisbôa, 1919. Vol. de 362 paginas (0,^m20 X 0,^m135).*

E' mais um livro, de grande valôr histórico que o grande publicista deu à luz sobre a Grande Guerra. O reconhecido mérito do autor, a sua lucida e cerrada argumentação dão a este livro um relêvo especial.

E' um estudo psicologico do povo alemão, examinado atravez da historia. O autor põe em fóco os ambiciosos projectos da elite teutonica, que as-

pirava à supremacia universal, considerando o povo alemão como o povo eleito de Deus. Era um conjunto de misticismo e mistificação.

Dos dezaseis capitulos em que se divide o livro, três (XII, XIII e XIV) são especialmente consagrados à análise das tentativas e projectos que de ha muito os alemães vinham manifestando para se apoderarem das nossas colonias.

E' este um livro em que muito tem que aprender o historiador, o filósofo e o politico.

SARMENTO (Dr. David P. de Moraes), capitão médico miliciano, encarregado do estudo clinico dos gazes de guerra no C. E. P.— **As intoxicações pelos gazes de guerra (1915-1918)**. *Lisbôa, 1919. Imp. Nacional. Vol de 148 paginas, contendo 32 gravuras em folhas não paginadas.*

Este livro constitue o relatório que o autor apresentou no Ministerio da Guerra. Compreende cinco capitulos.

No I.º o autor indica a importancia dos gazes de guerra na medicina castrense; no capitulo II.º estuda a evolução dos objectivos dos gazes e classificação clinica dos gazeamentos; no capitulo III.º trata o autor da — Sintomatologia dos gazes de guerra; no capitulo IV.º estuda as — Lesões anatomicopatologicas; no capitulo V.º descreve o — Tratamento das intoxicações pelos gazes de guerra.

O autor apresenta uma classificação muito racional dos gazes de guerra, dividindo-os em dois grandes grupos:

- 1) — Alterantes da composição quimica do sangue.
- 2) — Irritantes celulares dos tecidos epiteliaes de revestimento. Trata das propriedades dos diversos gazes destes dois grupos, sintomas característicos e lesões produzidas.

Os gazes do 1.º grupo constituem ainda 2 sub-grupos:

- a) — Nocivos por anoxemia — C. O.
- b) — Nocivos ao sistema nervoso — Cl^2 ; Az^2O ; Az^2O^3 ; Cl^2CO ; . . .

O livro contém 32 gravuras de gazeados do C. E. P. e varios gráficos.

O autor faz uma exposição clara e lógica, que torna muito interessante a leitura deste livro, não só aos profissionais, mas ainda aos profanos da ciência médica.

SANTOS (Dr. Reynaldo dos), primeiro assistente da Faculdade de Medicina de Lisbôa.— **A cirurgia na frente ocidental (maio a julho de 1916).** Lisbôa, 1916. Opusculo de 95 paginas.

Este livro constitue o relatorio apresentado pelo autor ao Ministério de Instrução Publica sobre a missão gratuita de que fôra encarregado. Compreende duas partes: I.^a A organização dos serviços cirurgicos. II.^a O tratamento actual das feridas de guerra.

Neste trabalho o autor expõe o que diretamente observou relativamente a formações sanitárias e as impressões trocadas com os cirurgiões que estavam a dirigi-las, nas zonas francesa, belga e inglesa. Estabelece como principio incontestavel que o tratamento cirurgico em tempo de paz difere do de tempo de guerra, em virtude das circunstancias de *tempo* e de *lugar*.

Nota ainda que na guerra ha que atender ás circunstancias em que esta é feita.

E' na guerra de movimento que as cousas mais se complicam e se dificultam.

A guerra mundial pôz bem em evidencia a necessidade, sob o ponto de vista cirurgico, de um certo número de principios: 1.^o transportes curtos, rápidos e commodos;

2.^o Tratamento precoce; 3.^o Pessoal competente e numeroso; 4.^o Material e instalações completas e móveis.

Sob o ponto de vista dos transportes dos feridos verificou que eles se realisavam: em *macas*, do terreno até aos postos de socorro (P. S.); em *autos*, do P. S. para as ambulancias e hospitais de evacuação; em *comboios sanitários*, das gares de evacua-

ção para a reguladora sanitaria e daqui para os hospitais do interior.

Com respeito à *organização*, trata dos serviços sanitarios e do seu escalonamento.

Relativamente ao tratamento, dá uma idéa sumaria desse tratamento, segundo as diferentes especies de feridas e seu gráu de urgencia.

O livro é portanto muito interessante, especialmente tratados tão importantes assuntos por um tão abalisado clinico.

SELVAGEM (Carlos).— **Tropas de Africa.** Edição da "*Renascença Portuguesa*". Porto, 1919. Volume in-8.º de 421 paginas.

Este livro é consagrado "Aos sargentos e soldados do seu pelotão a cavalo; aos camaradas da expedição ao Niassa; aos soldados portugueses da Grande Guerra; á Memória de todos aqueles que, pela glória das Quinas Portuguesas, teem mordido o pó em terras d'Alem Mar."

E' este um dos livros mais impressionantes dos que se teem escrito sobre a Grande Guerra! Eloquentemente na sua simplicidade! Vibrante pela energia e desassombro com que é exposta a Verdade aos olhos miopes dos nossos politicos. Trata da expedição a Africa, corpo de 5.000 homens que ia combater os alemães e sem ir preparado para isso! Eis como o autor diz que ia este corpo: "sem instrução; sem graduados; não tendo os artilheiros nunca visto a sua peça; quasi sem medicamentos; sem carros-ambulancias; sem camiões para as communicações e transportes no interior."

O transporte que conduz a expedição vai protegido... por Nossa Senhora dos Navegantes.

Descreve as impressões da viagem até à baía de Tungue. Em terra não ha nada preparado para o estacionamento das tropas, e estas vão estacionar em Palma, onde nada se sabia da chegada da expedição!

Neste livro marca-se a ferro candente varias pústulas do nosso corpo governativo.

Como é impressionante a maneira com que o autor descreve o desembarque de 1.500 solípedes da expedição! Em que estado chegam os 800 comprados no Cabo!

"Esta expedição e a passagem do Rovuma, diz o autor, só nos consumiram sangue, dinheiro e honra."

Em que estado chegaram a Palma esses farrapos humanos, vindos da Newala e de Nangadi!

Ha, porém, neste livro um engano a corrigir. O autor diz que só os soldados de Africa não tiveram *madrinhas de guerra*. Isto não é exacto. Que eu saiba, a familia do Ex.^{mo} almirante Vicente de Almeida d'Eça, que teve varios *afilhados* de guerra, contava entre eles quatro que eram soldados de Africa. Outras familias tambem os tiveram.

Posto de parte este engano, é fôrça confessar, e com a maior tristeza, que ha neste livro pungentes verdades.

A leitura deste livro impõe-se aos patriótas que não perderam ainda a esperança de um melhor futuro, mas fechem-no os fracos e desiludidos para se não deixarem avassalar por um maior desanimo.

SILVA (Fernando Emygdio da) — **Cousas de Portugal (durante a guerra; depois da guerra).** Coimbra, 1919. Edição França & Armenio. Volume de 308 paginas.

SILVA (Manuel Pereira da), tenente coronel de infantaria n.º 12 — **Alocução proferida por ocasião da apresentação da Bandeira Nacional aos recrutas dos regimentos de infantaria n.ºs 12 e 34.** Guarda, 1916. Opusculo de 15 paginas (0,^m20 X 0,^m14).

Nesta alocução o tenente coronel Pereira da Silva procura exaltar os sentimentos patrióticos dos soldados, o que bem se manifesta nas suas palavras cheias de um entusiásmo vibrante de sinceridade.

SIMÕES (Luiz José). — **Duzentas milhas à rémos. Narrativa tragico-maritima sobre o feito heroico do caça-minas "Augusto de Castilho"**. Lisboa, 1920. Tipografia da "Empresa do Diário de Noticias". Pequeno volume, in-8.^o de 81 paginas com muitas figuras no textio.

E' este um livro escrito com toda a alma de português e de um fervoroso patrióta. E' magistral a maneira como o autor descreve essa tragica e epica epopeia do caça-minas "Augusto de Castilho", antigo barco de pesca "Elite", adaptado ao serviço de guerra, qual era o de comboiar transportes. E' principalmente o que se passou a 14 de outubro de 1918, nas aguas dos Açores, quando José Botelho Carvalho de Araujo, comandante do "Augusto de Castilho", se sacrificou para salvar do ataque de um submarino alemão o paquete "S. Miguel", que o autor expõe com uma nitidez e promenores, que bem permitem avaliar o feito heróico do illustre comandante do caça-minas. São tambem impressionantes as ansiedades passadas pelos sobreviventes da catastrophe, vogando num pequeno barquinho cinco dias e cinco noites em demanda de terra! Até que enfim chegaram à Ponta do Arnel na ilha de S. Miguel!

A leitura desta narração é deveras empolgante.

TELLES (Bazilio) — Tem numerosas publicações, mais ou menos relacionadas com a grande guerra, e que iremos apontando por ordem cronologica.

a) — **A guerra. Porto, 1914. Vol., in-8.^o de 112 paginas.**

Não trata o autor neste seu livro das operações de guerra iniciadas em agosto de 1914, mas de algumas noções geograficas do Norte e Leste da França e N. O. da Belgica, sob o ponto de vista militar.

Assim se ocupa das praças que caracterizam as

linhas de defêsa: — Belfort — Lille (470 Km.); Langres — Péronne (300 Km.). Estuda a importancia e valôr das diversas praças de guerra e fortificações de vária especie, e a importancia do terreno.

Não entra no estudo das operações, porque julga, e com razão, incertas as noticias dadas pelos jornais e pelo telegrafo.

b) — **A situação militar europeia.** *Porto, 1915. Folheto, in-16.º, de 104 paginas.*

O objecto deste livro é o exame do conflito europeu no seu aspecto militar. Para isso faz primeiro um resumo das operações até então realizadas, tanto no teatro occidental, como oriental. Por falta de dados positivos sobre certas particularidades das operações, não dá grandes informações e limita-se a delineamentos gerais. Contudo, apesar da concisão, apreendem-se os traços gerais das operações realizadas.

c) — **A Inglaterra pacifista.** *Porto, 1916. Fol. de in-16.º, de 55 paginas.* Este opusculo é um esboço do estado social e politico da Inglaterra, quando rebentou a grande guerra.

O estado social e politico daquela nação, considera-o o autor como consequência do temperamento anglo-saxonio, das riquezas minerais do sub-solo, da sua posição insular e da sua cultura scientifica.

Destes factores resultou o grande desenvolvimento dado à sua marinha, em virtude da sua expansão colonial, e o reduzido exército continental.

Faz várias considerações sobre a politica interna e externa da Inglaterra, baseando-se em factos concretos. E' um pequeno livro, mas digno de sêr lido, como são todos os do grande publicista.

O autor põe tambem em evidencia que o desenvolvimento industrial e comercial da Alemanha e a sua expansão colonial, de ha muito vinham preocupando os politicos ingleses, e nisto se poderão filiar, em parte, as causas da guerra.

d) — **Para a história da crise europeia. Documentos Diplomaticos (1905-1914).** Porto, 1917. Vol., in-8.º, de 263 paginas.

Este livro contem a tradução de 119 documentos diplomaticos, abrangendo o periodo de 1905 a 1914, pelos os quais os alemães procuram provar que a guerra não foi provocada pela Alemanha, mas pela Inglaterra, pois de ha muito que o espirito publico neste país se manifestava contra a Alemanha em virtude do "ciume originado pelo extraordinario desenvolvimento do commercio, industria e marinha mercante alemã."

"A Inglaterra ajudara os insurgentos da colonia alemã do Sud'Oeste Africano, aos quais reconhecera como beligerentes e proibira o transito, através da Colonia do Cabo, de artigos de alimentação e munições para as tropas alemãs." As communicações de character diplomatico são, umas datadas de Londres, outras de Berlim, e de Paris, e dirigidas ao barão de Favereau, ministro belga (documentos n.ºs 1 a 30) e a Mr. Davignon (documentos n.ºs 31 a 119).

Pelos diversos documentos diplomaticos vemos que em Berlim acreditava-se que era o proprio governo da Inglaterra que dirigia a campanha contra a Alemanha. Fazia-se crer ao publico inglês que "a Alemanha era a grande émula comercial e militar da Inglaterra e que se preparava para tambem sêr a émula naval."

Na Alemanha parece que se procurava por todos os modos fazer desvanecer do espirito inglês a sua animadversão contra aquela nação. Em 1908, quando navios franceses bombardearam "Casa Blanca", fazendo vitimas e arruinando edificios, a pretexto de terem sido mortos três operarios franceses, os animos na Alemanha exacerberaram-se, considerando aquella acto como uma provocação.

Em 1909 os reis de Inglaterra foram a Alemanha visitar o imperador, procurando fazer crer a este que não havia odio algum contra este país, e insi-

nuando que a Alemanha, sem fazer sombra ás colónias inglesas, tinha onde exercer a sua actividade na Africa. Foram então indicadas as colónias portuguezas, ou o Congo Belga? De toda a correspondencia vê-se que a Inglaterra procura attribuir à Alemanha a causa da guerra; e a Alemanha procura lançar a culpabilidade sobre a Inglaterra. Também se vê que em 1887 a Inglaterra aquiescera a que a Alemanha, no caso de uma guerra com a França, passasse com os seus exércitos pelo territorio da Belgica.

Conclue-se que a Alemanha não confiava nas declarações da Inglaterra e preparava-se para um conflito terrestre e naval, esperando que em poucos anos a supremacia dos mares pertencer-lhe-ia.

Vê-se, pois, quanto interessante é seguir esta documentação para se poder descortinar as causas desta guerra, que foi interrompida pelo armistício de 11 de novembro de 1918, mas que se renovará dentro de um decénio.

e) — **Na Flandres. O episodio militar de 9 de abril.** Porto, 1918. Opusculo in-16.º de 86 paginas.

Contem este livrinho três partes: a 1.ª trata da 55.ª divisão inglesa; a 2.ª, occupa-se da 2.ª divisão portuguesa; 3.ª, tem por título — *Conclusões*.

Este livro contem a *ordem de batalha alemã*, tendo a data de 6 de abril, e que foi encontrada num prisioneiro.

O autor aprecia a maneira como procederam os ingleses da 55.ª divisão e os portugueses no sector que lhes fora confiado. Censura as escassas informações que oficialmente foram dadas àcerca do combate de 9 de abril. Contem várias indicações sobre este combate: hora a que começou (4 horas e 15 minutos); a sua duração; os effectivos alemães; os pontos da sua penetração nos intrincheiramentos atacados; limites do recuo das tropas portuguesas e inglesas.

Como o autor não dispunha de seguros elementos de informação, a descrição que faz da batalha de 9 de abril contém inexatidões, o que não admira, pois publicações ha, devidas a oficiais que tomaram parte na batalha, e que contem vários êrros!

VAZ (Salema) — **Terra de Ninguém.** *Lisbôa, 1917. Portugal-Brazil Lim.^a. Livrinho de 58 paginas (0,^m175 X 0,^m13).*

E' dedicado " ás mãis e noivas portuguesas, que souberam amar a sua terra no sacrificio dos entes queridos."

E' este um livro de versos, onde se manifesta as saudades do soldado português, combatendo longe da Patria.

Por isso o poeta soldado diz:

" Eu canto esta formosa Terra-amada,

" E choro a nêgra sorte que ela teve!

" O' Santo Condestavel: Alma sadia

" Em corpo são! Que a nossa rija espada

" A quem a lusa gente tanto deve,

" Comnosco seja à hora d'agonia!

— E mais além, a uma "*madrinha de guerra*":

" Que importa que eu vá p'ra guerra?

" No coração, minha terra

" Hei-de a França transportar.

" Sentindo-o a bater no peito

" Eu julgo ouvir, satisfeito,

" Portugal por mim chamar! . . .

VIANNA (J. de Mello), da Academia das Ciências de Lisbôa. — **Em tempo de guerra (1914-1915).** *Lisbôa, 1916. Volume de 251 paginas.*

E' este um livro de salutar leitura, cheio de fulgurantes e comoventes descrições de episodios da guerra e dos sofrimentos dos povos por onde o invasor passou.

O autor descreve o entusiasmo com que na Alemanha se foi para a guerra, contando-se a victoria como certa. Guilherme II tinha como certo o aniquilamento dos inimigos, considerando os exércitos inglês e belga como inferiores a um corpo de bombeiros de Nuremberg.

No capitulo — Ideais pacificos e projectos belicos — o autor mostra as causas da guerra, analisando os pensamentos dos alemães e as suas tendencias absorventes e militaristas, apontando como principais causadores da guerra os intellectuais, que faziam a apologia da fôrça, como Adolfo Lasson, da universidade de Berlim. Era Lasson que emitia as seguintes doutrinas:

“Um estado que se submete ás suprêmas decisões de qualquer tribunal, é um estado perdido. As questões internacionais resolvem-se pela guerra. Os pequenos estados devem têr o direito de subsistir, apenas na proporção das suas fôrças de resistencia. Entre estados, a fôrça do direito é o direito do mais forte, o que justifica perfeitamente a necessidade das guerras.

E' justo pelear por um mobil politico, mas pelear por idéas, é absurdo.”

O autor analisa ainda as doutrinas emitidas por outros intellectuais e dirigentes do pensamento do povo alemão. Havia um como febril anseio pela guerra para despedaçar de vez todos os obstaculos que se opunham à expansão alemã. A guerra era, pois, inevitavel.

VIEIRA (Mello) — **Gambusios**. Publicação em colaboração com Quirino Monteiro.

VITORINO (Pedro) — **A catedral de Reims**. Porto, 1920. Livraria Portuguesa de Lopes & Companhia. Folheto de 39 paginas (0,^m23 X 0,^m15).

Em poucas paginas faz a descrição da catedral gótica de Reims e historia o martirologio de Reims

e da sua catedral, fazendo notar que aquella cidade, até fins de junho de 1915, tinha sido bombardeada 288 vezes, e que só na noite de 22 de fevereiro recebeu 3.500 granadas.

A catedral, uma preciosa joia de arquitetura, foi destruída pelos alemães, sem que para isso houvesse uma necessidade militar. Simples barbaria!

O livro contem várias vistas da catedral, que permitem fazer uma melhor idéa desse grandioso monumento, vitima da guerra.

VIEIRA (Mello) — *Gambuzios*. Publicação em colabo-
ração com Quirino Monteiro.

ANNALIA
VITORINO (Lello) — *A catedral de Reims*. Porto,
1920. Livreria Portuguesa de Lousa e Companhia.
120 p. (Folha n.º 30 paginas (0.72 X 0.15))

... da catedral de Reims e historia e topographia de Reims

Artigos publicados na -Revista Militar-
e que são indicados por ordem cronologica.

1915 - N.º 1 - Inauguração da revista

1 - Pela Pátria. - pelo general Moraes Sar

Artigos diversos que devem sêr
consultados por quem se
propôña a escrever a história
da grande guerra:

N.º 2:

4 - A preparação da infantaria para a
guerra. - pelo general Ferreira Gil.

5 - Discurso de Lloyd George.

6 - Serviços administrativos em cam-
panha ao Sul de Angola.

7 - A guerra no mar. Combate na Mar
do Norte em 23-I.º-915.

N.º 3:

8 - A situação militar em Angola. - por

Oompro da Cunha d'Áy e Almeida, capitão. F. M.

9 - A preparação da infantaria para a
guerra. - pelo general Ferreira Gil.

Artigos publicados na "Revista Militar"
e que vão indicados por ordem cronologica.

1915 — N.º 1:

- 1 — **Pela Pátria.** — pelo general Moraes Sarmento.
- 2 — **Sul de Angola. Os alemães invadindo a Provincia. O massacre de Cuangar e a retirada de Naulila. Com uma carta da região.** — por E. B.
- 3 — **As contribuições impostas pelos alemães na Belgica e França.**

N.º 2:

- 4 — **A preparação da infantaria para a guerra.** — pelo general Ferreira Gil.
- 5 — **Discurso de Lloyd George.**
- 6 — **Serviços administrativos em campanha ao Sul de Angola.**
- 7 — **A guerra no mar. Combate na Mar do Norte em 23-1.º-915.**

N.º 5:

- 8 — **A situação militar em Angola.** — por Genipro da Cunha d'Eça e Almeida, capitão do E. M.
- 4 a — **A preparação da infantaria para a guerra.** — pelo general Ferreira Gil.

1915 — N.º 9:

9 — **A politica internacional de Eduardo VII e sua influência na guerra actual** — pelo general Moraes Sarmento.

10 — **A guerra no mar. As perdas nos Dardanelos.**

1916 — N.º 1:

11 — **A cavalaria das nações beligerentes.**

N.º 2:

12 — **O livro do general Bernhardt. A Alemanha e a proxima guerra.** — por Vitoriano J. Cesar.

N.º 4:

13 — **Pró Pátria.** — pelo general Moraes Sarmento.

14 — **Documentos para a história da intervenção de Portugal na guerra europeia.**

N.ºs 5 e 9:

15 — **Documento lido no dia 10 de março de 1916, na sessão do Congresso, sobre a nossa intervenção na guerra.** — pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros, Augusto Soares.

N.ºs 5, 8, 11 e 12:

16 — **Apontamentos da guerra. A artilharia de campanha.** — Coronel Teixeira Botelho.

17 — **Apontamentos da guerra. A artilharia pesada.** — pelo mesmo.

18 — **Apontamentos da guerra. A infantaria.** — pelo mesmo.

19 — **Apontamentos da guerra. A cavalaria.** — pelo mesmo.

1916 — N.º 6, 7, 9, 10, 11 e 12:

29 — **A batalha de Verdun.** — pelo coronel Pacheco Simões. Tem numerosas gravuras e cartas intercaladas no texto.

N.º 7:

21 — **Estudo comparativo dos poderes navais inglês e alemão.** — pelo general Moraes Sarmiento.

N.º 8:

22 — **Viver é lutar.** — Oração pronunciada pelo general Moraes Sarmiento, comandante da Escola de Guerra por ocasião da inauguração dos cursos reduzidos da mesma Escola, em 30 de junho de 1916.

23 — **Armamento, munições e material de guerra das principais potencias em guerra.**

N.º 9:

24 — **Os caminhos de ferro na guerra europeia.**

N.º 12:

25 — **A guerra de trincheiras.** — por Fernando Freiria, professor da Escola de Guerra.

1917 — N.º 1:

26 — **O factor moral no exito da guerra.** — por Frederico Oom, tenente coronel de Engenharia.

27 — **Uma divisão em reserva. Descanço, treino fisico, instrução.** — pelo coronel Pacheco Simões.

28 — **A Romania em armas.**

N.º 2:

29 — **Apontamentos da guerra. A frente ocidental no 1.º de janeiro de 1917.** — pelo coronel Teixeira Botelho.

1917 — N.ºs 2, 4, 5 e 6:

30 — **Submarinos e submersíveis.** Conferência feita aos alunos da Escola de Guerra. — por João Batista Ferreira.

N.º 4:

— **Documento lido na sessão do Congresso em 10 de março de 1916.**

N.º 5:

31 — **Estudos geográfico-militares. As fronteiras militares: da França e da Alemanha; russo-austro-alemãs; austro-italiana.** — pelo tenente coronel, Antonio Mário de Campos.

N.º 6:

32 — **Organização do exército russo.**
33 — **Alocução proferida aos alunos que terminaram os cursos no 1.º semestre de 1917.** — Pelo major Antonio Mário de Campos.

N.ºs 7, 8, 9 e 11:

34 — **Batalha de Verdun.** — Pelo coronel Pacheco Simões.

N.º 8:

35 — **Considerações sobre o submarino e a arte da guerra marítima.** — Mata e Oliveira.

N.º 10:

36 — **A guerra de trincheiras no teatro ocidental poderá converter-se em guerra de movimento?** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

N.º 11:

37 — **Episódios da guerra actual. O esforço português.** — Pelo general Moraes Sarmiento.

1917 — N.º 12:

38 — **Acabará o militarismo?** — Por O.

39 — **O nosso esforço militar em Africa.** —
Por E. Barbosa.

1918 — N.º 1:

40 — **Episódios da guerra actual. As evoluções politicas na Alemanha e na Russia e a restauração da Polonia.** — Pelo general Moraes Sarmiento.

41 — **A fronteira do rio Rovuma.** — Por E. Azambuja Martins.

N.ºs 1, 3 e 4:

42 — **A cavalaria.** — Por L. Antonio de C. Viegas.

N.º 2:

43 — **Um ano de guerra.** — Pelo coronel Teixeira Botelho.

N.º 3:

44 — **O exército Norte Americano. Sua organização e composição.**

N.ºs 5 e 8:

45 — **A batalha de Verdun.** — Pelo coronel Pacheco Simões.

N.º 6:

46 — **A politica de defeção da Russia atravez da história.** — Pelo general Moraes Sarmiento.

47 — **Campanha da Palestina. Ocupação de Jerusalem.** — Por Eduardo de Noronha.

1918 — N.º 7:

48 — **A Nova República Filandesa.** — Pelo coronel Frederico Oom.

49 — **Termos da rendição alemã no S. O. Africano em 1915.** — Por E. de Azambuja Martins.

N.º 8:

50 — **O ataque alemão ao sector português do Lys.** — Pelo general Moraes Sarmiento.

N.º 9:

51 — **A guerra submarina.** — Pelo general Moraes Sarmiento.

N.º 10:

52 — **De como foi conquistado em 20 anos e perdido em 4 meses um famoso império colonial.** — Pelo general Moraes Sarmiento

53 — **Ainda o ataque alemão ao sector português na batalha do Lys.**

N.º 12:

54 — **As causas eficientes da terminação da guerra e a preparação da paz geral** — Pelo general Moraes Sarmiento.

55 — **Preparação dos oficiais para o exército americano em operações na Europa.** — Pelo coronel Pacheco Simões.

56 — **Vencimento dos oficiais do exército americano.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

57 — **O caça-minas "Augusto de Castilho".** — Por Mata e Oliveira.

1919 — N.º 1:

58 — **As metralhadoras.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

59 — **Fôrças mobilizadas pela Alemanha em 1914.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

1919 — N.ºs 1 e 2:

60 — **Preparação dos oficiais para o exército americano em operações na Europa.** — Pelo coronel Pacheco Simões.

61 — **Perdas da marinha de guerra e mercante durante a guerra.**

N.ºs 2, 3, 4 e 5:

62 — **A conquista da Africa oriental alemã.** — Pelo tenente coronel Azambuja Martins.

N.º 3:

63 — **Composição das unidades no exército americano.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

N.ºs 3 e 4:

64 — **O segredo da Vitória.** — Por Eduardo Barbosa.

N.º 4:

65 — **Pêrdas da população francesa de 1914 a 1917.**

N.ºs 4 e 10:

66 — **O corpo expedicionario português na guerra da Europa.** — Pelo capitão de infantaria Luiz do Nascimento Dias.

N.º 5:

67 — **Os granadeiros no exército inglês.**

N.ºs 5, 8 e 12:

68 — **Instruções para o emprego das metralhadoras no ataque.** — Documento apanhado aos alemães.

1919 — N.º 6 e 7:

69 — **Portugal na guerra mundial.** — Pelo general Moraes Sarmento.

70 — **A invasão da Africa oriental alemã pelos portugueses. O esforço da expedição de 1916.** — Pelo general Ferreira Gil.

71 — **Rápido bosquejo da grande guerra (1914-1918). Nos campos de batalha. Nas chancelarias. O nosso papel.** — Pelo tenente coronel Antonio Mário de Campos.

72 — **A marinha portuguesa na ultima guerra.** — Por Vitorino Gomes da Costa.

73 — **Resumo histórico dos serviços prestados pelo C. E. P. em França.** — Pelo general Thomaz Garcia Rosado.

74 — **Por terras de Africa.** — Por Eduardo Barbosa.

75 — **Um raid.** — Pelo tenente coronel Mello e Athayde.

N.º 8:

76 — **As Escolas preparatorias de oficiais milicianos de artilharia de guarnição de 1916 a 1918.** — Pelo tenente coronel J. Paulo Fernandes.

77 — **Efectivos que a França teve na guerra.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar

N.º 9:

78 — **Raids noturnos pelos aviões alemães na região de Paris em 1918.**

79 — **Os precedentes da grande guerra no direito marítimo.** — Mata e Oliveira.

80 — **Despêsas feitas com a guerra desde o seu inicio até ao armistício.**

81 — **As perdas na guerra sofridas pelos diversos beligerantes.**

82 — **Ainda a batalha da Jutlandia. As perdas.**

1919 — N.º 9, 11 e 12:

83 — **Pacifismo.** — Pelo tenente coronel Mello e Athayde.

N.º 11:

84 — **Perdas sofridas pelo exército italiano na Grande Guerra.**

N.º 12:

85 — **A organização e os dispositivos de combate da infantaria na Grande Guerra.** — Pelo major do E. M. Raul F. Rato.

1920 — N.º 1:

86 — **Serviço sanitário em campanha.**

87 — **A divisão alemã durante a guerra. Evolução da infantaria austro-ungara.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

88 — **A organização e os dispositivos de combate da infantaria.** — Pelo major do E. M. Raul F. Rato.

N.º 2:

89 — **O emprego das maquinas de assalto.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

90 — **Organização de um regimento de infantaria austro-ungaro durante a guerra.**

91 — **O corpo expedicionario português na guerra da Europa.** — Por Luiz do Nascimento Dias.

N.ºs 2, 3, 11 e 12:

92 — **Os precedentes da Grande Guerra no direito marítimo.** — Mata e Oliveira.

N.ºs 3, 9, 10 e 12:

93 — **Pacifismo.** — Pelo tenente coronel Mello e Athayde.

1920 — N.º 4:

94 — **Consequencias do derrulimento de dois impérios.** — Pelo general Moraes Sarmento.

N.ºs 4, 9 e 10:

95 — **A campanha dos Dardanelos. Estrategia e Politica.** — Por Alfredo Botelho de Sousa.

N.º 5:

96 — **A passagem do rio Rovuma.** — Pelo major Mota Marques.

97 — **Bôcas de tiro curvo adoptadas pelo exército austriaco durante a Grande Guerra. A artilharia de campanha francesa.**

N.º 7:

98 — **As perdas da Romenia na Grande Guerra.**

N.º 8:

99 — **Recrutamento do exército americano para Grande Guerra. Caracteristicas da artilharia americana empregada em via ferrea.**

N.º 12:

100 — **As perdas sofridas pelo exército francês e alemão durante a guerra**

1921 — N.º 1:

101 — **Os precedentes da Grande Guerra no direito maritimo.** — Por Mata e Oliveira.

N.ºs 2 e 3:

102 — **A campanha dos Dardanelos.** — Por Alfredo Botelho de Sousa.

1921 — N.^{os} 4 a 12:

103 — **Carros de combate.** — Pelo tenente coronel Mello e Athayde.

N.^{os} 4 e 5:

104 — **A evolução dos métodos ofensivos.**

N.^{os} 10 e 11:

105 — **A evolução orgânica da infantaria na Grande Guerra.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

106 — **Portugal na guerra europeia.** Quadro esquemático. — Pelo tenente coronel Antonio Mário de Campos.

1922 — N.^o 1:

107 — **Alerta pela defêsa Nacional.** — Pelo general Mares Sarmento.

N. 2:

108 — **O comando alemão na Africa Oriental.** — Pelo tenente coronel E de Azambuja Martins.

109 — **Notas sobre a Grande Guerra.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

110 — **Carros de combate.** — Pelo tenente coronel Mello e Athayde.

111 — **Dados estatísticos sobre as perdas sofridas pelos exércitos franceses durante a guerra de 1914-1918.**

112 — **Feridos alemães durante a guerra de 1914-1918.**

113 — **A evolução da cavalaria alemã nos ultimos anos.**

N.^o 3:

114 — **A instrução provisória sobre o serviço em campanha da artilharia francesa.** — Pelo coronel Vitoriano J. Cesar.

A " **Revista Militar** " quiz inscrever nas suas paginas um " **Rol de honra** ", contendo o nome daqueles, que morreram pela Pátria na Grande Guerra.

Em vários números da " *Revista* " foram publicados esses nomes; tendo comêço no n.º 7 de 1917 e prolongando-se até ao n.º 10 de 1919. Os nomes publicados foram fornecidos pelo Ministerio da Guerra, e por isso tem um valôr official. E' natural, porém, que haja omissões; mas ainda assim constitue um valiôso elemento de consulta.

— 80 —

Diversas publicações em português
feitas no estrangeiro e relativas à guerra

COOK (Sir Edward). — **A Inglaterra e os seus esforços pela manutenção da paz.** Narrativa das negociações anglo-germanicas de 1898-1914, extraída de fontes autorizadas. *Londres, 1914. Thomaz Nelson & Sons. Folheto de 25 pag.^{as} (0,^m24X0,^m15).*

Contem um sumário das negociações anglo-germanicas de 1898-1914.

WHITRIDGE (Frederick). — **Opinião de um americano sobre a guerra europeia. Resposta aos apelos da Alemanha.** *Londres. Thomaz Nelson & Sons. Folheto de 17 pag.^{as} (0,^m24X0,^m15).*

Trata das responsabilidades da guerra. Exemplos de "cultura" alemã. A Alemanha e o império colonial; etc..

SMUTS (General). — **A victoria proxima.** Discurso pronunciado a 4 de outubro de 1917. *Londres, 1917. The Field & Queen Limitada. Folheto de in-16 paginas (0,^m22X0,^m14).*

E' acompanhado de um retrato do general Smuts.

Porque tem a Guerra que sêr proseguida?

Londres, 1917. Alabaster Panmure & Sons Limitada. Folheto de 16 paginas (0,^m21X0,^m135).

A guerra, segundo o autor, dever-se-ia prolongar até que fosse derrotado o partido da pithagem.

MAUDE (General Sir Stanley), comandante em chefe das forças expedicionárias na Mesopotâmia. — **Campanha da Mesopotâmia-28 de agosto de 1916 a 31 de março de 1917.** Londres, 1917. Darling & Sons Limitada. Folheto de 36 pag.^s (0,^m21 X 0,^m135).

Contem o despacho do general Stanley Maude, e que foi publicado em suplemento pela "Gazeta de Londres" em 10 de julho de 1917. É um Relatório das operações executadas pelas forças expedicionárias na Mesopotâmia, e que aquele general divide em 8 fases para maior clareza na exposição.

HAIG (General Sir Douglas), comandante em chefe das forças britânicas em França. — **Despacho, datado do Q. G., de 23 de dezembro de 1916.** Londres, 1917. Darling & Sons, Limitada. Folheto de 35 páginas (0,^m21 X 0,^m135). Acompanhado de uma carta do teatro de operações, entre Bapaume e Péronne.

Contem a narração das operações realizadas pelas tropas britânicas desde 19 de maio de 1916.

HAIG (Marechal de Campo, Sir Douglas), comandante em chefe eos exércitos britânicos na França. — **Relatório oficial sobre a campanha de abril a novembro de 1917, publicado em Suplemento a "Gazeta de Londres.** Londres, 1918. Durrup, Mathieson & Sprague, Limitada. Folheto de 72 páginas (0,^m21 X 0,^m14).

É uma exposição das operações realizadas desde abril de 1917 até à conclusão da ofensiva na Flandres, em novembro, contendo desenvolvidas informações sobre essas operações.

Sangue e Ouro — Factos e algarismos do esforço da Grã-Bretanha em 1914-1917. Londres, 1918. R. Clay And Sons, Limitada Folheto de 12 páginas (0,^m21 X 0,^m135).

Contem uma exposição de factos relativos à armada, ao exército terrestre e aos serviços aereos, médicos, de munições, e à situação financeira.

LICHNOVOSKY (Principe). — **A minha missão em Londres-1912-1914.** Prefaciado pelo professor Gilbert Murray. *Londres, 1918. Cassell And Co. Folheto de 75 paginas (0,^m175 X 0,^m115).*

E' uma exposição desenvolvida da missão levada a efeito pelo ultimo embaixador alemão em Inglaterra.

Comité Internacional "Veritas". — Praticas extra-militares dos exércitos austro-alemaes. Documentos para a Historia geral da guerra de 1914. *Rio Grande do Sul (Brazil), 1918. Imp. de J. E. C. Potter. Vol. de 192 pag.^s (0,^m20 X 0,^m135).*

Contem várias gravuras, mostrando as crueldades dos alemães na guerra e faz uma desenvolvida narração, pondo em evidencia vários factos demonstrativos, realisados na Belgica e na Servia, comprovados por várias testemunhas.

Contem uma exposiçao de factos relativos a
armada, ao exercito terrestre e aos servicos aerea
a oitenta e cinco mil e a situaçao financeira
& gub. 1917. Londres, 1917. Darling &
Sons Limited. Follho de 36
LICHNOVOSKY (Principe) — A minha missao em
Londres 1913-1914. Preziado pelo professor G.
de Bert Murray. Londres, 1918. Cassell and Co. Po-
lito de 72 paginas (0,175 X 0,115).
E uma exposiçao desenvolvida da missao levada
a effo pelo ultimo embaixador alemão em Ingla-
terra.

Comitê Internacional - Veritas - Prati-
cas extra-militares dos exercitos austro-ale-
mães. Documentos para a historia geral da guerra
de 1914. Rio Grande do Sul (Brazil), 1918. Imp.
de J. E. C. Potter. Vol. de 102 pag. (0,20 X 0,135).
Contem varias gravuras, mostrando as cruelda-
des dos alemães na guerra e faz uma desenvolvida
narração, pondo em evidencia varios factos demons-
trativos, realizados na Bélgica e na Servia, compo-
zidos por varias testemunhas.

GHAN (Marechal de Campo) (algum) comandante
em chefe dos exercitos britannicos na França. — Re-
latorio official sobre a campanha de abril a
novembro de 1917, publicado em Suple-
mento a "Gazeta de Londres. Londres, 1918.
Durrant, Mathison & Sprague, Limited. Follho
de 72 paginas (0,21 X 0,14).

E uma exposiçao das operaçoes realizadas desde
abril de 1917 até a conclusão da offensiva na Fla-
ndres, em novembro, contendo desenvolvidas infor-
maçoes sobre essas operaçoes.

Sangue e Ouro — Factos e algarismos do
esforço da Grã-Bretanha em 1914-1917. Lon-
dres, 1918. R. Clay and Sons, Limited. Follho
de 12 paginas (0,21 X 0,135).

Nota final

Pensou a Comissão dos Padrões da Grande Guerra em publicar uma *Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra*, realizando assim o programa moral, a que se impoz, de exaltar, elevar beñ alto o Esfôrço da nossa intervenção militar no tremendo prêlio, em que Portugal, fiel à fé dos tratados, consciente da sua situação de Grande Potencia Colonial, interveio pela acção patriótica, decedida e nobre do Govêrno da República, que tão bem soube traduzir o sentir dum Povo, de tão galhardas tradições. O Povo soube honrar o compromisso dos seus dirigentes.

Quiz assim a Comissão dos Padrões da Grande Guerra prestar a sua homenagem a todos que têm consagrado a sua intelligencia no mesmo intuito, que a anima. As impressões vividas dos gloriózos participantes das marchas pelos climas escaldantes de Angola e de Moçambique, dos valorozos defensores das trincheiras da Flandres Francesa, dos heroicos marinheiros e aviadores; as observações de quantos sentiram a enorme significação moral dessa luta, a maior que a história da humanidade, tantas vezes secular, regista; a herança escrita dos dias de glória e martirio, que a nossa geração inscreveu nos fastos do Mundo, ficará registada nesta Bibliografia. Lendo as suas paginas vêr-se-ha como constituem uma demonstração notavel do nosso Esfôrço Coléctivo.

Aceitou o ilustre Almirante e eminente professor, Sr. Vicente Almeida d'Eça a incumbencia de escrever as emotivas palavras do prefacio; quiz o dis-

tinto investigador e estudioso professor, Sr. Coronel do Estado Maior Vitoriano José Cesar honrar a Comissão dos Padrões da Grande Guerra escrevendo as notas bibliográficas, que o seu espírito culto ditou; aos dois abalisados professores e fervorosos patriotas, cujas vidas são dois belos exemplos de amor ao estudo, de perseverança e de dedicação, a Comissão dos Padrões da Grande Guerra apresenta os seus rendidos agradecimentos e presta as suas homenagens de alta consideração.

Por circunstancias estranhas à vontade de todos começou a imprimir se esta *Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra* em Maio de 1922 e só agora se conclue. Este facto explica a maneira como se apresenta organizada, sem a desvalorisar, e ainda, as omissões naturais que se deram, por à Comissão não ter chegado a noticia de algumas publicações.



*Acabou de se imprimir
no dia 15 de outubro de 1923
na
Tipografia da Escola Militar.*



1416694



BIBLIOGRAFIA DA GUERRA GUERRA

BIBLIOTECAS MUNICIPALES

94(100)"1914/
CES